

BOLETIM MENSAL
DE
ACTIVIDADE ECONÓMICA

Outubro de 2006

Índice

SUMÁRIO	1
SELECÇÃO DE INDICADORES	2
1. Conjuntura internacional	3
2. Conjuntura Nacional	7
3. Dinâmica sectorial	12
4. Competitividade	17
5. Agenda	22

ANEXO ESTATÍSTICO

SUMÁRIO DE CONJUNTURA

Outubro de 2006

- *As várias instituições internacionais apontam para uma forte expansão da actividade económica mundial em 2006 e 2007, embora com ligeiro abrandamento em 2007. Entre os principais factores de risco destacam-se os grandes **desequilíbrios das contas externas** de vários países. Nos **EUA**, a actividade económica continuou a desacelerar no 3º trimestre, reflectindo principalmente a forte descida do investimento em habitação. No que se refere à **Zona Euro**, o crescimento económico para 2006 foi revisto em alta pela CE em 0,5 p.p., para 2,6%, suportado pelo dinamismo do investimento privado. A **Economia Espanhola** manteve um forte crescimento no 3º trimestre de 2006 assente no contributo da procura interna.*

- *Em Outubro, a cotação média do **crude** (Brent) acentuou a trajectória descendente iniciada em meados de Agosto. Em Setembro de 2006, o preço relativo do petróleo importado situou-se em cerca de 50% do valor atingido durante a crise petrolífera de 1979.*

- *Para **Portugal**, os indicadores disponíveis para o 3º trimestre de 2006 apontam para a continuação da recuperação da Economia Portuguesa, **apoiada essencialmente na procura externa**. O contributo da procura interna deverá também ser positivo, em resultado de uma recuperação significativa do Consumo Privado. Relativamente ao **Investimento**, apesar da evolução favorável de alguns indicadores, os dados já conhecidos para o 3º trimestre sobre o sector da construção não permitem perspectivar uma recuperação rápida desta componente. Os dados preliminares do Banco de Portugal, referentes ao 3º trimestre, apontam para a manutenção de um crescimento das **saídas**, em termos nominais, em torno dos 13%. Quanto às **entradas**, verificou-se, no mesmo período um crescimento mais acentuado, sinalizando a recuperação da Procura interna*

- *Ao nível sectorial, existem indícios de uma melhoria generalizada do clima de confiança, extensível a praticamente todos os sectores, com excepção da construção. A **Indústria** apresenta sinais de aceleração de actividade no terceiro trimestre de 2006, com destaque para o aumento considerável da procura externa. O sector da **Construção** não revela melhorias ao nível da produção No sector do **Comércio**, é patente uma melhoria das perspectivas da actividade futura e do clima de negócios, através do desagramento dos níveis de confiança, em particular no **Comércio por Grosso**, e da melhoria do volume de negócios no **Comércio a Retalho**. No sector dos **Serviços**, transparecem os primeiros sinais de alguma consolidação da recuperação, através de um crescimento positivo do volume de negócios, suportado por expectativas de vendas mais favoráveis.*

SELECÇÃO DE INDICADORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICA

Indicadores Trimestrais / Mensais	Fonte	Última actualização	Unidade	2005			2006			2006						
				II TR 05	III TR 05	IV TR 05	I TR 06	II TR 06	III TR 06	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Indicador de Actividade Económica	INE	19-10-2006	M3M	1.3	0.8	1.3	1.1	0.4		1.0	0.8	0.4	0.4	0.6		
Indicador Coincidente	BP	20-10-2006	VH	0.5	0.3	0.2	0.4	0.7	0.9	0.6	0.7	0.8	0.9	0.9	1.0	
Indicador de Clima Económico	INE	03-11-2006	SRE/M3M	-0.3	-0.8	-0.5	-0.6	0.0	0.5	-0.4	-0.5	0.0	0.2	0.5	0.5	0.5
Indicador Compósito Avançado	OCDE	10-11-2006	N/(M12M) N-12	-	-	-	-	-	-	3.2	3.9	4.9	5.0	5.1	5.1	
Indicador de FBCF	INE	19-10-2006	M3M	-3.9	-3.1	-3.0	-2.7	-5.8		-2.0	-3.2	-5.8	-7.6	-5.7		
Indicador de Confiança dos Consumidores	INE	03-11-2006	VE/M3M	-33.6	-41.9	-41.0	-37.8	-36.2	-31.9	-36.1	-35.8	-36.2	-35.8	-34.0	-31.9	-30.6
Indicador de Confiança na Indústria Transformadora	INE	03-11-2006	VE/M3M	-10.2	-11.2	-8.2	-9.6	-9.2	-5.7	-10.0	-10.1	-9.2	-7.6	-6.9	-5.7	-6.1
Indicador de Confiança na Construção	INE	03-11-2006	VE/M3M	-40.0	-41.7	-46.2	-46.0	-47.7	-47.7	-45.8	-46.7	-47.7	-48.2	-47.8	-47.7	-48.2
Indicador de Confiança no Comércio	INE	03-11-2006	VE/M3M	-7.6	-13.2	-10.3	-8.3	-9.5	-6.8	-8.1	-10.2	-9.5	-9.7	-7.8	-6.8	-5.3
I. Confiança nos Serviços Prestados às Empresas	INE	03-11-2006	VCS/M3M	-2.7	-2.8	-0.4	-2.8	1.2	4.4	-3.4	-3.4	1.2	4.8	4.8	4.4	4.4
Índice Volume Negócios na Ind. Transformadora	INE	06-11-2006	VH, M3M	1.7	1.2	1.1	6.1	5.5	7.3	3.7	7.8	5.5	8.7	7.8	7.3	
Índice Volume Negócios Comércio a Retalho	INE	30-10-2006	VH, M3M	3.9	0.4	1.4	1.4	0.2	4.7	1.2	1.7	0.2	2.2	2.2	4.7	
Índice Volume Negócios nos Serviços	INE	13-11-2006	VH, M3M	1.2	-0.7	-0.8	-0.8	-0.8	2.8	-2.6	0.5	-0.8	2.5	1.2	2.8	
Índice de Produção Industrial - Total	INE	31-10-2006	VH/VCS	-0.3	0.8	2.2	1.3	2.1	2.5	-2.5	7.1	1.8	1.6	4.4	1.6	
Índice de Produção Industrial - Indústria Transformadora	INE	31-10-2006	VH/VCS	-2.4	-1.1	1.2	1.8	1.3	2.2	-5.4	6.6	2.9	1.2	3.5	1.9	
Preços no Consumidor (IHPC)	INE	16-10-2006	VM12	-	-	-	-	-	-	2.5	2.7	2.9	3.0	3.0	3.1	
Preços Consumidor (IHPC) (zona Euro)	Eurostat	17-10-2006	VM12	-	-	-	-	-	-	2.3	2.3	2.4	2.4	2.4	2.3	
Balança Bens e Serviços	BP	23-10-2006	VH	4.7	6.3	3.9	9.2	4.7		-2.5	10.9	5.5	9.6	7.7		
Importações: Bens	BP	23-10-2006	VH	6.0	2.5	1.6	17.4	8.6		4.1	14.8	7.1	17.2	7.1		
Importações: Serviços	BP	23-10-2006	VH	0.7	5.0	3.9	11.0	11.5		-1.5	20.6	15.2	11.2	20.2		
Exportações: Bens	BP	23-10-2006	VH	5.0	3.8	2.3	7.8	3.1		5.6	13.9	8.4	6.4	6.0		
Exportações: Serviços	BP	23-10-2006	VH	-5.0	5.0	6.5	19.2	18.7		19.3	21.3	15.6	20.9	16.5		

Nota: ➤ Indica que houve alteração nos últimos oito dias.

Indicadores Anuais / Trimestrais	Fonte	Última Actualização	Unidade	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2004		2005				2006		
										III TR 04	IV TR 04	I TR 05	II TR 05	III TR 05	IV TR 05	I TR 06	II TR 06	
PIBpm	INE	08-09-2006	Milhões euros	129 309	135 434	137 523	143 029	147 378			35 892	36 280	36 223	36 760	36 929	37 466	37 483	38 122
PIBpm	INE	08-09-2006	Milhões dólares	115 797	128 017	155 578	177 853	183 373			43 860	47 030	47 494	46 314	45 035	44 531	45 055	47 895
PIBpm	INE	08-09-2006	VH Real	2.0	0.8	-1.1	1.2	0.4			1.0	0.7	-0.1	0.4	0.3	1.0	1.1	0.9
PIBpm (Zona Euro)	Eurostat	11-10-2006	VH Real	1.9	0.9	0.8	1.7	1.5			1.7	1.5	1.2	1.3	1.7	1.8	1.9	2.7
Consumo Privado	INE	08-09-2006	VH Real	1.3	1.3	0.1	2.4	2.0			2.4	2.5	2.8	3.0	1.2	1.1	0.7	0.1
Consumo Público	INE	08-09-2006	VH Real	3.3	2.6	0.3	2.5	1.8			2.9	3.0	2.7	2.2	1.5	0.8	0.2	-0.3
Investimento (FBCF)	INE	08-09-2006	VH Real	1.0	-3.5	-10.0	0.9	-2.9			0.8	0.7	-2.0	-1.8	-4.6	-3.3	-1.8	-5.4
FBCF sem construção	INE	08-09-2006	VH Real	-1.5	-3.7	-7.9	3.4	-1.1			2.6	4.1	-0.4	0.2	-2.1	-2.1	-0.5	-2.0
Exportações Bens e Serviços	INE	08-09-2006	Milhões euros	37 361	37 880	38 564	40 787	42 109			10 170	10 242	10 152	10 403	10 722	10 832	11 453	11 796
Exportações Bens e Serviços	INE	08-09-2006	Milhões dólares	33 463	35 811	43 609	50 707	52 368			12 428	13 277	13 311	13 106	13 076	12 875	13 766	14 821
Exportações Bens e Serviços	INE	08-09-2006	VH Real	1.8	1.5	3.7	4.5	0.9			2.8	2.2	-1.4	0.1	2.4	2.6	8.5	7.6
Importações Bens e Serviços	INE	08-09-2006	VH Real	0.9	-0.7	-0.4	6.8	1.8			6.0	6.4	4.3	3.0	0.7	-0.8	3.5	-0.3
Balança Corrente / PIB pm (fim de período)	BPINE	23-10-2006	% PIB	-9.8	-7.8	-5.9	-7.3	-9.3			-6.6	-7.3	-9.6	-10.0	-9.0	-9.3	-10.0	-9.6
Stock IDE / PIB pm (fim de período) (2)	BPINE	21-09-2006	% PIB	31.6	31.4	35.8	36.2	37.1			39.9	36.2	36.8	36.9	37.2	37.1	37.8	38.2
Saldo Primário / PIB pm - Subsector Estado (fim de período)	DSO/INE	16-10-2006	% PIB	-0.5	-0.8	-0.6	-3.9	-3.5			-2.4	-3.9	-1.9	-1.2	-2.9	-3.5	-2.1	-1.4
Saldo total - SPA (excl. efeitos das medidas temporárias)	DSO/INE	21-07-2006	% PIB	-4.3	-4.2	-5.3	-5.3	-6.0										
Índice do Custo de Trabalho (1)	- Zona Euro	Eurostat	VH	3.9	3.5	3.1	2.3	2.2			2.4	2.1	2.8	2.3	1.8	2.0	2.2	2.4
(encargos nominais/ hora)	- Portugal	Eurostat	VH	5.4	5.4	2.4	3.3	2.0			3.9	2.5	2.1	2.7	2.9	0.5	3.9	2.1
Emprego Total	INE	18-08-2006	Milhar	5 112	5 137	5 118	5 123	5 123			5 126	5 134	5 094	5 132	5 130	5 134	5 127	5 181
População desempregada	INE	18-08-2006	Milhar	1.8	0.5	-0.4	0.1	0.0			-0.1	0.3	-0.3	0.1	0.1	0.0	0.6	1.0
Taxa de desemprego - Portugal	INE	18-08-2006	(%)	4.0	5.0	6.3	6.7	7.6			6.8	7.1	7.5	7.2	7.7	8.0	7.7	7.3
Norte	INE	18-08-2006	(%)			6.8	7.7	8.8			8.3	8.0	8.7	8.7	8.8	9.0	8.9	8.4
Centro	INE	18-08-2006	(%)			3.6	4.3	5.2			4.3	4.8	4.9	4.5	5.4	6.0	5.5	5.1
Lisboa	INE	18-08-2006	(%)			8.1	7.6	8.6			7.5	8.1	8.4	8.0	9.0	9.0	8.5	8.1
Alentejo	INE	18-08-2006	(%)			8.2	8.8	9.1			9.1	9.4	9.3	8.5	9.4	9.4	9.8	8.9
Algarve	INE	18-08-2006	(%)			6.1	5.5	6.2			5.0	5.7	7.3	6.3	5.3	5.9	5.9	5.0
R.A.Açores	INE	18-08-2006	(%)			2.9	3.4	4.1			3.8	3.0	3.4	4.3	4.2	4.4	4.2	3.8
R.A.Madeira	INE	18-08-2006	(%)			3.4	3.0	4.5			3.0	3.5	4.8	3.9	4.4	5.1	4.6	5.0
VAB - Total preços constantes	INE	08-09-2006	Milhões euros	109 133	109 954	109 173	110 504	110 366	estrutura 2005 (%)		1.2	0.7	0.0	-0.1	-0.4	0.0	1.0	0.4
Agricultura, Silvicultura e Pescas	INE	08-09-2006	VH Real	2.4	0.8	-0.7	1.2	-0.1	3.3	1.3	-1.8	-7.1	-9.4	-9.1	-5.8	0.9	5.3	
Indústria, Electricidade, Gás e Água	INE	08-09-2006	VH Real	1.8	-0.5	0.2	0.9	-1.1	19.5	0.5	-1.3	-2.5	-1.3	-1.2	0.5	2.0	-0.3	
Construção	INE	08-09-2006	VH Real	2.8	-4.0	-12.7	-1.3	-4.0	6.0	-0.2	-1.5	-2.7	-3.0	-6.3	-4.0	-2.4	-8.0	
Comércio, Restauração e Hóteis	INE	08-09-2006	VH Real	0.8	-1.1	-2.6	1.7	1.8	17.0	1.9	3.0	2.4	2.1	1.5	1.3	0.6	1.5	
Transp. e Comunicações, Activ. Financeiras, Outros Serviços	INE	08-09-2006	VH Real	3.6	2.5	1.4	1.5	0.6	54.3	1.4	1.2	0.9	0.6	0.6	0.3	1.2	1.0	

(1) Índice de custo do trabalho, exclui a agricultura, a pesca, a silvicultura, a educação, a saúde e outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais; só encargos do trabalho

(2) Valor do PIB considerado = Soma móvel 4 trimestres

Saídas de mercadorias - (peso no total e t.v.h)

	2001	2002	2003	2004	2005	últimos 12m até Ago 06
UE-25	81.1	81.2	80.8	80.6	79.8	77.6
t.v.h.	1.0	1.9	2.1	6.1	1.5	6.0
Espanha	19.3	20.9	23.8	25.8	27.0	27.2
t.v.h.	2.2	10.3	16.5	15.4	7.1	12.0
Terceiros	18.9	18.8	19.2	19.4	20.2	22.4
t.v.h.	6.8	1.5	4.5	7.4	7.2	26.3

Nota: Quebra de série em 2004. Passa a incluir estimativa abaixo do limiar e das não-respostas no Intra-UE

Taxa de Cobertura (%)

	2001	2002	2003	2004	2005	últimos 12m até Ago 06
	61.0	64.5	67.3	64.1	62.4	64.0

Taxas de variação homóloga em valor das saídas por agrupamentos de produtos

	Estr. 05	01/00	02/01	03/02	04/03	05/04	últimos 12m até Ago 06
Máquinas	18.7	-0.8	3.5	2.6	2.2	1.2	13.0
Material de Transporte	14.0	8.6	-2.9	4.9	6.1	-6.0	-2.4
Vestuário e Calçado	12.6	2.2	-4.8	-2.5	-4.6	-8.1	-2.6
Químicos	10.5	0.7	10.2	11.2	15.0	14.2	13.2
Madeira, Cortiça e Papel	9.1	-3.9	0.9	2.7	1.7	1.6	8.1
Minérios e Metais	9.0	-2.4	6.6	6.2	34.3	10.6	24.8
Agro-Alimentares	8.7	5.5	9.8	1.5	9.6	12.0	13.2

1. - Conjuntura internacional

As várias instituições internacionais apontam para uma forte expansão da actividade económica mundial em 2006, apesar da desaceleração da economia americana, que contribuirá para um ligeiro abrandamento do crescimento mundial em 2007 (*Quadro 1.1*). A Comissão Europeia nas previsões de Outono (Novembro de 2006) elevou em 0,5 p.p. as suas previsões de crescimento para a Economia Mundial em 2006 (5,1%). Para 2007, reviu em alta de 0,3 p.p. (4,6%). As previsões sobre a actividade económica mundial acompanham as previsões para o comércio mundial de bens e serviços. O FMI estima um crescimento robusto para o comércio mundial de bens e serviços, em termos reais, de 8,9% em 2006 e um ligeiro abrandamento para 7,6% em 2007 (*Quadro 1.2*).

Quadro 1.1 - Previsões de Crescimento da Economia Mundial
Taxa de Crescimento Real do PIB em %

	2005			2006			2007		
	FMI Set-06	OCDE Maio-06	CE Outono-06	FMI Set-06	OCDE Set-06	CE Outono-06	FMI Set-06	OCDE Maio-06	CE Outono-06
MUNDO	4,9	-	4,9	5,1	-	5,1	4,9	-	4,6
OCDE	-	2,8	-	-	3,1*	-	-	2,9	-
ZONA EURO	1,3	1,4	1,4	2,4	2,7	2,6	2,0	2,1	2,1
ESPAÑA	3,4	3,4	3,5	3,4	3,3*	3,8	3,0	3,0	3,4
ALEMANHA	0,9	1,1	0,9	2,0	2,2	2,4	1,3	1,6	1,2
R. UNIDO	1,9	1,8	1,9	2,7	2,8	2,7	2,7	2,9	2,6
EUA	3,2	3,5	3,2	3,4	3,6	3,4	2,9	3,1	2,3
CHINA	10,2	9,9	10,2	10,0	9,7	10,4	10,0	9,5	9,8
JAPÃO	2,6	2,7	2,6	2,7	2,5	2,7	2,1	2,2	2,3

Fontes: FMI, World Economic Outlook, Setembro 2006; OCDE, Economic Outlook nº79, Maio 2006 e "Interim Assessment", Setembro 2006.
CE- Comissão Europeia, "Economic Forecasts, Autumn 2006".

* Maio de 2006

Segundo a CE, um dos principais riscos para o crescimento económico mundial é a existência de grandes desequilíbrios das contas externas de vários países (e.g. os EUA estão a absorver 75% da poupança líquida mundial). Também o BCE refere que as incertezas relacionadas com as perspectivas de crescimento económico se encontram equilibradas a curto prazo, tornando-se negativas a longo prazo devido à possibilidade de uma nova subida do preço do petróleo e aos receios de um aumento das pressões proteccionistas.

Quadro 1.2 - Comércio Mundial

	2004			2005			2006			2007		
	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE	CE	FMI	OCDE	CE
- Crescimento real do Com. Mundial (%)												
Mercadorias e serviços												
Imp.+ Exp.de bens e serviços - Mundo	10,6	10,4	..	7,4	7,5	..	8,9	9,3	..	7,6	9,1	..
Imp. de bens e serviços *	9,1	8,8	11,2	6,0	6,0	6,7	7,5	6,8	9,0	6,0	6,8	7,4
Exp. de bens e serviços *	8,8	8,1	10,9	5,5	5,5	7,6	8,0	7,6	9,1	6,0	7,6	7,4
Mercadorias												
Imp.+ Exp.de bens - Mundo	10,9	7,5	9,4	7,8
Imp. de bens *	9,4	..	11,3	6,3	..	7,1	8,0	..	9,5	6,0	..	7,6
Exp. de bens *	8,7	5,3	8,6	6,1
- Exportações Mundiais em valor (em biliões de US dólares)												
Bens e serviços	11,208	12,684	14,464	15,891
Bens	8,945	10,186	11,721	12,896

* FMI - economias Avançadas; OCDE - países membros

Fontes: FMI, World Economic Outlook, Set 2006; OCDE, Economic Outlook nº 79, Mai 2006; CE-Com. Europeia, "Economic Forecasts"- Autumn 2006

Ministério da Economia e Inovação
Gabinete de Estratégia e Estudos

De acordo com uma estimativa avançada do *Bureau of Economic Analysis* do Departamento de Comércio, dos **EUA**, a actividade económica nos EUA continuou a desacelerar no 3º trimestre, verificando um crescimento anualizado do PIB de 1,6%, contra 5,6% e 2,6%, respectivamente no 1º e 2º trimestres. Esse abrandamento reflecte principalmente uma forte descida do investimento em habitação, e também do aumento das importações decorrente do aumento dos consumos privado e público, sendo ainda corroborado pelo Indicador Compósito Avançado da OCDE, que desce pelo segundo trimestre consecutivo (*Quadro 1.3*). O Banco Central Europeu, espera para o segundo semestre de 2006 uma desaceleração do crescimento devido à moderação do consumo privado e do investimento em habitação. Para 2006, a CE prevê um crescimento de 3,4%. Para 2007, a CE reviu o crescimento em baixa de 0,4p.p., estimando uma taxa de 2,3%.

No **Japão** de acordo com informação mais recente do *Cabinet Office* do governo, os indicadores avançados apontam para a continuação da recuperação da economia apoiada no crescimento do investimento privado, a par de um abrandamento do consumo e de uma estabilização do crescimento das exportações. Também a Comissão Europeia refere que, apesar da desaceleração registada no 2º trimestre de 2006, a economia Japonesa continua a expandir-se vigorosamente, principalmente devido à procura interna. Para 2006, a CE aponta para um crescimento do PIB da economia Japonesa de 2,7%, descendo para 2,3% em 2007.

No **Reino Unido**, de acordo com a estimativa das contas nacionais do National Statistics Office no 3º trimestre de 2006, o PIB cresceu 2,8% em termos homólogos, mais 0,2 p.p. do que no trimestre anterior, devido ao aumento do contributo dos consumos privado e público. Para o conjunto do ano de 2006, a Comissão Europeia estima um crescimento de 2,7%, liderado pela procura interna, baixando ligeiramente para 2,6%, em 2007.

Na **Zona Euro**, as estimativas do Eurostat para o crescimento do PIB no 3º trimestre é de 2,6%, um ligeiro abrandamento face ao verificado no 2º trimestre de 2006 (2,7%). As várias instituições internacionais reviram em alta o crescimento económico da Zona Euro em 2006. A Comissão Europeia, estima um crescimento de 2,6% (+0,5 p.p. do que nas previsões da Primavera), suportado pelo dinamismo do investimento privado, enquanto o consumo privado deverá evoluir mais moderadamente. A CE refere que permanecem ainda as incertezas existentes na 1ª metade de 2006, destacando-se, a nível externo, os riscos relacionados com o comércio mundial, a persistência de importantes desequilíbrios macroeconómicos globais e a volatilidade do preço do petróleo.

O crescimento económico da **Alemanha** no 3º trimestre, abrandou (0,9% variação em cadeia), face ao 2º trimestre (1,1%), reflectindo a diminuição da procura externa devido à desaceleração da economia dos EUA. Em termos homólogos o crescimento no 3º trimestre situou-se em 2,8%. De acordo com a CE, os indicadores mais recentes apontam para um crescimento mais moderado, embora ainda robusto, no segundo semestre de 2006. A evolução do consumo e do investimento em construção deverão ser influenciados pelo aumento do IVA no início de 2007, o que levará a antecipações das despesas planeadas. Para o conjunto do ano de 2006, a CE reviu em alta as previsões de crescimento, estimando uma taxa de 2,4% (+0,7 p.p. do que nas previsões da Primavera). Para 2007, a CE prevê um abrandamento (1,2%).

A **economia espanhola**, manteve um forte crescimento no 3º trimestre de 2006 (3,8%, em termos homólogos), assente no contributo da procura interna. Para o conjunto do ano de 2006, a CE prevê um crescimento de 3,8%, elevando em 0,7 p.p. a estimativa da Primavera.

Ministério da Economia e Inovação
Gabinete de Estratégia e Estudos

Apenas a procura interna contribuirá positivamente para o crescimento do PIB. Para 2007, a CE prevê uma ligeira descida para 3,4%.

Quadro 1.3 - Indicador Compósito Avançado da OCDE

Indicador Compósito Avançado	Unidade	2005				2006			2006					
		I TR	II TR	III TR	IV TR	I TR	II TR	III TR	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
OCDE		1.6	0.7	1.2	2.1	3.1	3.2	2.7	3.4	3.2	3.0	2.7	2.6	2.7
Zona Euro		1.2	0.1	0.7	2.1	3.0	3.8	3.5	3.7	3.9	3.9	3.6	3.5	3.5
Alemanha		0.8	-0.4	1.1	3.2	5.1	6.2	5.4	6.1	6.4	6.1	5.8	5.4	5.4
Espanha		2.7	2.6	2.4	1.9	0.7	0.2	0.3	0.0	0.4	0.3	0.1	0.3	0.3
Reino Unido	N/(M12M)N-12	0.0	-0.7	-0.2	0.0	0.5	1.0	0.9	1.0	1.1	0.9	0.9	0.9	0.9
EUA		1.4	0.4	1.0	2.1	3.4	2.8	2.3	3.3	2.8	2.4	2.2	2.1	2.3
Japão		0.2	-0.5	0.0	0.7	1.2	0.6	-0.9	1.1	0.8	-0.2	-0.9	-0.9	-0.9
China		13.0	13.1	14.1	14.0	14.8	14.6	12.9	15.1	14.5	14.3	14.0	12.6	12.9

Fonte: OCDE

Em Outubro, a cotação média do **crude** (Brent) acentuou a trajectória descendente iniciada em meados de Agosto, tendo atingido a cotação média de 58,4 dólares por barril. Para esta evolução contribuíram a estimativa de redução da procura mundial em 2006 e 2007 efectuada pela Agência Internacional de Energia, a diminuição dos receios relativos à oferta mundial de petróleo, uma época suave de furacões no Golfo do México e ainda um nível de *stocks* de *crude* nos países da OCDE superior ao esperado. No Mercado de Futuros, o preço do petróleo situou-se em 59,2 dólares por barril para os contratos com entrega em Dezembro e em cerca de 63,1 dólares por barril, em média, para contratos com entrega no 1º semestre de 2007.

O preço médio de importação do petróleo em Portugal tem evoluído, em geral, ligeiramente abaixo das cotações internacionais (*Quadro 1.4*). No período de Janeiro a Setembro de 2006, o preço de importação do petróleo em euros aumentou 31,3%, relativamente ao período homólogo do ano anterior. Essa evolução reflectiu um acréscimo de 29,5% do preço das ramas descarregadas medido em dólares e um efeito cambial negativo de 1,4%. Este efeito cambial negativo ocorreu durante o 1º trimestre de 2006.

Quadro 1.4 - Evolução do Preço Relativo de Importação do Petróleo

	Unidade	2003	2004	2005	2006			2006			
					I TR 06	II TR 06	III TR 06	Jul	Ago	Set	Jan-Set
Preço de importação do petróleo (f.o.b) ¹	USD	27,9	36,9	50,9	58,5	64,5	67,8	72,8	70,1	60,5	63,6
(a) Preço de importação do petróleo (USD)	VH	18,9	32,5	37,9	42,2	35,1	16,0	34,4	13,7	1,7	29,5
(b) Efeito Cambial	VH	-16,0	-7,9	-1,2	8,7	-0,4	-3,7	-4,8	-3,7	-2,5	1,4
(c) Preço de importação do petróleo (EUR)	VH	-0,1	22,1	36,2	54,6	34,5	11,8	27,9	9,5	-0,8	31,3
(d) Deflator do PIB ²	VH	2,7	2,8	2,7	2,3	2,8	2,8	2,8	2,8	2,8	2,6
(e) Preço relativo do petróleo ³	VH	-2,7	18,8	32,7	51,1	30,9	8,7	24,4	6,6	-3,5	28,0
<i>Por memória:</i>											
Cotações internacionais do petróleo	USD	28,9	37,8	53,4	61,0	68,3	69,6	72,5	73,6	62,8	66,3
Cotações internacionais do petróleo (USD)	VH	15,8	30,7	41,2	32,2	34,5	16,1	28,6	19,0	1,9	26,8

(1) Cálculo do GEE com base em dados da Galp Energia, relativos às importações mensais de ramas de petróleo bruto.

(2) Considerou-se para os meses do terceiro trimestre de 2006, a mesma variação homóloga do deflator do PIB do 2º trimestre de 2006.

(3) Cálculo do GEE. O preço relativo do petróleo é o rácio entre o preço do petróleo em euros e o deflator do PIB em Portugal.

A contabilidade (c) = (a) + (b); (e) = (c) - (d) não se verifica pois a decomposição das taxas de crescimento não é aditiva.

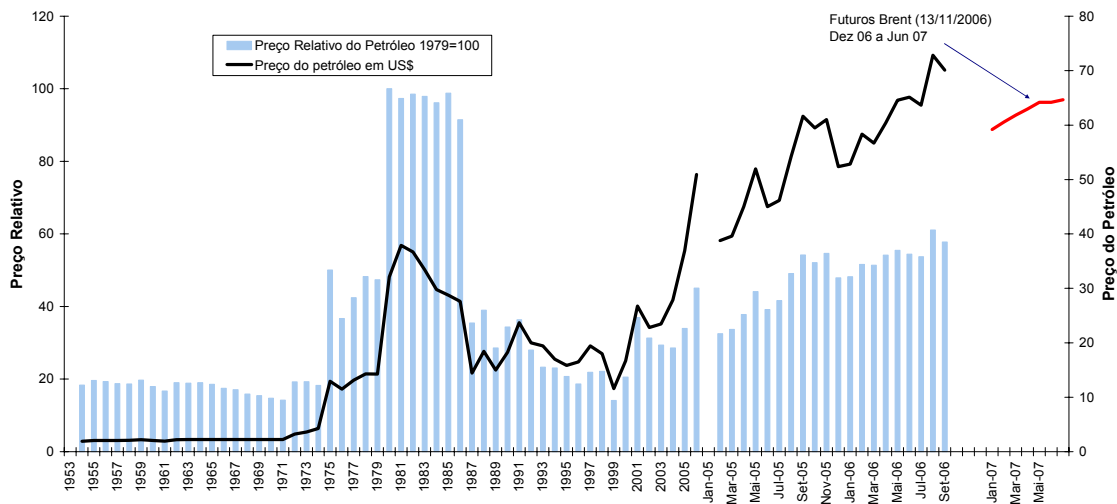
Fontes: Cotações Internacionais - IMF (Primary Commodity Prices) - média simples dos preços de Dated Brent, West Texas Intermediate e Dubai Fateh;

Preços de Importação - Galp Energia; Taxa de Câmbio - Galp Energia; Deflator do PIB - INE, Contas Nacionais.

Ministério da Economia e Inovação
Gabinete de Estratégia e Estudos

Tomando em consideração o efeito cambial e a evolução dos preços na produção em Portugal (usando como referência o deflator do PIB), verifica-se que o preço relativo do petróleo importado se situou, em Setembro de 2006, em cerca de 50% do valor atingido durante a crise petrolífera de 1979 (Figura 1.1).

Figura 1.1 - Evolução do Preço Relativo do Petróleo



Fonte : Cálculos do GEE com base em dados da Galp Energia (preço do petróleo em US\$); INE (deflator do PIB - Contas Nacionais); Banco de Portugal (taxa de câmbio). O preço relativo do petróleo é o rácio entre a cotação do petróleo em moeda nacional e o deflator do PIB em Portugal.

2. Conjuntura Nacional

As **Contas Nacionais** publicadas pelo INE relativas ao **2º trimestre** de 2006 (*Quadro 2.1*) confirmam o cenário de recuperação da Economia Portuguesa apoiada nas exportações. De acordo com o INE, no 2º trimestre a economia cresceu 0,9% em termos homólogos, após 1,1% no 1º trimestre (valor revisto em alta). Para o crescimento registado no 2º trimestre contribuiu fortemente a procura externa líquida, que mais do que compensou o contributo negativo da procura interna. O consumo privado registou um forte abrandamento no 2º trimestre de 2006 (0,1% VH), verificando-se também uma nova contracção da FBCF (-5,4% VH), essencialmente motivada pela evolução negativa do investimento em construção (-8,9% VH).

Quadro 2.1 – Indicadores Trimestrais

Indicadores Anuais / Trimestrais	Fonte	Unidade	2002	2003	2004	2005	2005				2006	
							I TR	II TR	III TR	IV TR	I TR	II TR
PIBpm		Milhões euros	135 434	137 523	143 029	147 378	36 223	36 760	36 929	37 466	37 483	38 122
PIBpm		VH Real	0,8	-1,1	1,2	0,4	-0,1	0,4	0,3	1,0	1,1	0,9
Consumo Privado		VH Real	1,3	0,1	2,4	2,0	2,8	3,0	1,2	1,1	0,7	0,1
Consumo Público		VH Real	2,6	0,3	2,5	1,8	2,7	2,2	1,5	0,8	0,2	-0,3
FBCF		VH Real	-3,5	-10,0	0,9	-2,9	-2,0	-1,8	-4,6	-3,3	-1,8	-5,4
Exportações Bens e Serviços		VH Real	1,5	3,7	4,5	0,9	-1,4	0,1	2,4	2,6	8,5	7,6
Importações Bens e Serviços		VH Real	-0,7	-0,4	6,8	1,8	4,3	3,0	0,7	-0,8	3,5	-0,3
FBCF sem construção	INE	VH Real	-3,7	-7,9	3,4	-1,1	-0,4	0,2	-2,1	-2,1	-0,5	-2,0
Balança Corrente / PIB	BP	%	-7,8	-5,9	-7,3	-9,3	-9,6	-10,4	-6,9	-10,1	-9,9	-9,0
Saldo Total-SPA / PIB (exc. med. tempor)	DGO/INE	%	-4,2	-5,3	-5,3	-6,0						
Taxa de desemprego	INE	(%)	5,0	6,3	6,7	7,6	7,5	7,2	7,7	8,0	7,7	7,3
Inflação	INE	(%)	3,6	3,3	2,4	2,3	2,1	1,8	2,6	2,7	2,8	2,9

De acordo com o INE, no 2º trimestre de 2006, a **taxa de desemprego** fixou-se em 7,3%, recuperando face aos 7,7% do trimestre anterior (*Quadro 2.1*). Ainda segundo o INE, a população empregada aumentou 1,0% (VH) no 2º trimestre. Neste trimestre, e comparando com o 1º trimestre de 2006, há mais 53 900 empregados. Para o 3º trimestre, o Eurostat estima uma diminuição da taxa de desemprego para 7,2% (*Quadro 2.2*). Para o conjunto do 3º trimestre, o IEFP registou uma diminuição do número de desempregados inscritos nos centros de emprego, correspondendo a uma variação homóloga de -6,1% (-28 473 indivíduos), que compara com -3,1% no 2º trimestre. De salientar que esta diminuição do número de desempregados, abrange também o desemprego de longa duração (-6,5%).

A **Inflação**, medida pela variação do Índice de Preços no Consumidor (IPC) do INE, foi revista em alta e aumentou em Setembro 0,1 p.p. (3,0%) relativamente a Agosto (2,9%).

Quadro 2.2 – Mercado de Trabalho

Mercado de Trabalho	Fonte	Unidade	II TR 05	III TR 05	IV TR 05	I TR 06	II TR 06	III TR 06	Jul	Ago	Set
Taxa de Desemprego	Eurostat	%	7,4	7,7	7,8	7,7	7,4	7,2	7,3	7,2	7,2
Desempregados inscritos	IEFP	Nº Pessoas	470.853	469.283	483.471	486.428	456.254	440.810	436.901	436.792	448.736
Variação dos desempregados inscritos	IEFP	Período n-Período(n-1)	-14.333	-1.570	14.188	2.957	-30.174	-15.444	-5.598	-109	11.944
Desempregados inscritos	IEFP	VH	4,0	3,3	3,0	0,3	-3,1	-6,1	-5,1	-6,0	-7,0
Evolução do desemprego de longa duração	IEFP	VH	4,2	2,0	1,4	-1,4	-2,9	-6,5	-4,3	-6,8	-8,4
Variação da população empregada	INE	Período n-Período(n-1)	37.600	-2.000	3.800	-6.900	53.900				
Evolução da população empregada	INE	VH	0,1	0,1	0,0	0,6	1,0				
Índice do Custo de Trabalho (excl. Admin. Pública)	INE	VH	2,6	2,7	0,5	4,2	1,3	0,2			
Índice do Custo de Trabalho (Zona Euro)	Eurostat	VH	2,3	1,8	2,0	2,2	2,4				
Por memória:											
Inflação (IPC)	INE	VH	1,8	2,5	2,6	3,2	3,7	3,0	3,0	2,9	3,0

Ministério da Economia e Inovação
Gabinete de Estratégia e Estudos

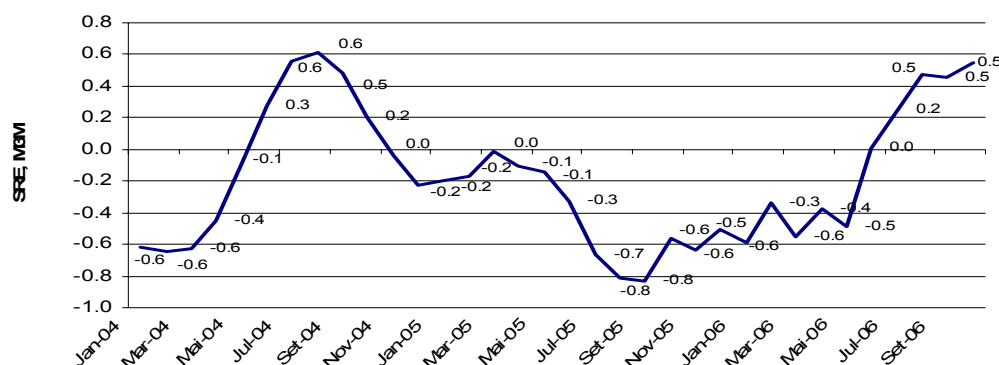
Os indicadores avançados da **actividade económica geral** disponíveis para o 3º trimestre de 2006 mantiveram, em geral, uma evolução positiva (*Quadro 2.3*). O Indicador de Actividade Económica do INE, subiu em Agosto para 0,6%, situando-se acima do valor de 0,4% registado em Julho e no 2º trimestre de 2006. O Indicador Compósito Avançado da OCDE, melhorou no 3º trimestre (5,1) face ao 2º trimestre (4,0). O Indicador Coincidente do Banco de Portugal registou no 3º trimestre um crescimento homólogo de 0,9%, superior à média do 2º trimestre (0,7%). O Indicador de Clima Económico do INE continuou a recuperar, situando-se no 3º trimestre de 2006 ao melhor nível desde o 3º trimestre de 2004. O Indicador de Sentimento Económico do Eurostat (ISE), também melhorou no 3º trimestre (95,1) face ao 2º trimestre (91,7)

Os dados já disponíveis para Outubro revelam uma estabilização do Indicador de Clima Económico e uma melhoria do Indicador de Sentimento Económico (95,8) face ao conjunto do 3º trimestre.

Quadro 2.3 – Indicadores avançados de actividade geral

Indicadores de Actividade Geral	Fonte	Unidade	2005			2006			2006			
			II TR	III TR	IV TR	I TR	II TR	III TR	Jul	Ago	Set	Out
Indicador de Actividade Económica	INE	VH, M3M	1.3	0.8	1.3	1.1	0.4		0.4	0.6		
Indicador Coincidente Mensal	BP	VH	0.5	0.3	0.2	0.4	0.7	0.9	0.9	0.9	1.0	
Indicador de Clima Económico	INE	SRE/M3M	-0.3	-0.8	-0.5	-0.6	0.0	0.5	0.2	0.5	0.5	0.5
Indicador Compósito Avançado	OCDE	N/(M12M) N-12	1.3	0.3	1.1	2.4	4.0	5.1	5.0	5.1	5.1	
Indicador do Sentimento Económico	Eurostat	(1990-2003)=100	91.7	86.7	91.9	89.7	91.7	95.1	95.6	93.4	96.3	95.8

Figura 2.1 – Indicador de Clima (INE)



No que respeita ao **Consumo Privado** (*Quadro 2.4*), os dados disponíveis para o 3º trimestre apontam para uma recuperação significativa, após o forte abrandamento registado no 2º trimestre. O Índice de Volume de Negócios nos Serviços de Alojamento e Restauração apresentou uma variação homóloga de 3,0% no 3º trimestre, o que compara com 0,2% em média no 2º trimestre. O Índice de Volume de Negócios no Comércio a Retalho (deflacionado) registou, no conjunto do 3º trimestre, uma taxa de variação homóloga de 2,8%, que compara com -1,4% no 2º trimestre. Essa evolução traduz melhorias significativas quer no ramo Alimentar, quer no ramo Não Alimentar. As Vendas de Automóveis Ligeiros de Passageiros apresentaram um comportamento menos negativo no 3º trimestre (-3,2%) do que no 2º trimestre (-9,2%). O Indicador Coincidente do Consumo Privado, calculado pelo BP, subiu, em termos homólogos, 1,4% no 3º trimestre, situando-se significativamente acima do valor verificado no 2º trimestre (0,7%). Esta evolução positiva é acompanhada por uma melhoria significativa dos níveis de confiança dos consumidores.

Ministério da Economia e Inovação
Gabinete de Estratégia e Estudos

Os dados já disponíveis para Outubro revelam uma ligeira deterioração do nível de confiança dos consumidores face a Setembro, mas com ligeira melhoria face ao nível médio registado no 3º trimestre. Verifica-se, também, uma inflexão nas vendas de veículos ligeiros de passageiros, que apresentam um crescimento homólogo positivo de 0,7%.

Quadro 2.4 – Indicadores avançados do consumo privado

Indicadores de Consumo Privado	Fonte	Unidade	2005			2006			2006							
			II TR	III TR	IV TR	I TR	II TR	III TR	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	
Indicador Coincidente do Consumo Privado	BP	VH	2,3	1,1	0,7	0,8	0,7	1,4	0,7	0,7	0,8	1,0	1,4	1,8		
Indicador de Confiança dos Consumidores	INE	SRE-VE	-33,6	-41,9	-41,0	-37,8	-36,2	-31,9	-36,3	-36,9	-35,4	-35,1	-31,7	-28,9	-31,4	
Índice de Vol. de Neg. Comércio a Retalho (p.const)	INE	VH (v.c.s)	4,1	0,2	0,8	0,4	-1,4	2,8	-0,6	1,8	-5,0	4,7	1,5	2,1		
IVN no Comércio a Retalho de Bens Alimentares (p.const)	INE	VH (v.c.s)	2,7	1,4	2,1	2,3	1,6	4,1	1,8	1,8	1,1	3,9	3,8	4,7		
IVN no Comércio a Retalho de Bens não Alimentares (p.const)	INE	VH (v.c.s)	5,3	-0,6	-0,3	-1,1	-3,6	1,6	-2,5	1,8	-9,5	5,4	-0,3	0,0		
Índice de Vol. de Vendas no Comércio a Retalho	INE	SRE-VE	-15,9	-12,0	-9,5	-15,5	-14,6	-15,3	-12,5	-26,1	-5,2	-18,2	-9,1	-18,5		
Índice de V.Negócios nos Serviços - Alojamento e restauração	INE	VH	-5,2	0,7	3,1	0,8	0,2	3,0	2,9	0,9	-2,8	3,5	5,0	0,4		
Venda de Veículos Ligeiros de Passageiros	ACAP	VH	13,9	-2,2	-8,5	-2,3	-9,2	-3,2	2,0	-6,2	-18,6	-4,1	4,2	-8,2	0,7	

Relativamente ao **Investimento** (Quadro 2.5), apesar da evolução favorável de alguns indicadores, os dados já conhecidos para o 3º trimestre relativamente ao sector da construção não permitem perspetivar uma recuperação rápida desta componente.

O Indicador de FBCF, apresentou uma recuperação em Agosto (-5,7) face ao mês de Julho (-7,6), situando-se praticamente ao mesmo nível do 2º trimestre (-5,8). No que respeita ao investimento em Máquinas e Equipamento, verificaram-se algumas melhorias. O Índice de Novas Encomendas à Indústria de Bens de Investimento, na componente Mercado Nacional melhorou no 3º trimestre (0,1%) face ao valor registado no 2º trimestre (-0,4%). Também as importações de Bens de Investimento evoluíram favoravelmente, aumentando 12,3% em Julho e 8,0% em Agosto, o que compara com 0,5% no 2º trimestre. O Índice de Produção Industrial de Bens de Investimento, também melhorou no conjunto do 3º trimestre (0,5%), quando comparado com a média do 2º trimestre (-1,4%). No entanto, o Índice de Produção Industrial de Máquinas e Equipamentos deteriorou-se no 3º trimestre (-4,5%) face à média do 2º trimestre (-3,6%).

No que se refere à Construção, o Indicador de Confiança do INE estabilizou no 3º trimestre em -47,7 e as Vendas de Cimento, segundo o Banco de Portugal, desceram 8,9% (VH) no 3º trimestre, fixando-se abaixo da variação média registada no segundo trimestre de 2006 (-7,8%, VH).

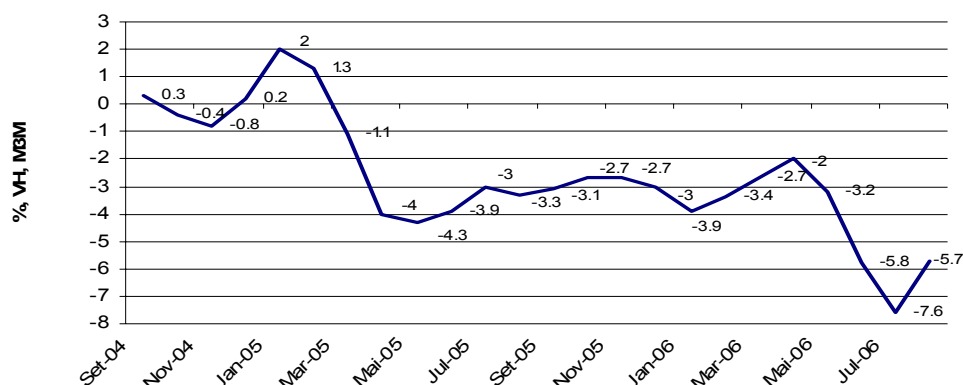
Relativamente ao Investimento em Material de Transporte, regista-se um comportamento menos desfavorável das vendas de veículos comerciais ligeiros no 3º trimestre (-2,5%), quando comparado com o 2º trimestre (-11,8%).

Os dados disponíveis para o mês de Outubro, apontam ainda para uma deterioração dos níveis de confiança na construção e para uma recuperação significativa das vendas de veículos comerciais ligeiros.

Quadro 2.5 – Indicadores avançados do investimento

Indicadores de Investimento	Fonte	Unidade	2005			2006			2006							
			II TR	III TR	IV TR	I TR	II TR	III TR	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	
Indicador de FBCF	INE	M3M	-3,9	-3,1	-3,0	-2,7	-5,8		-2,0	-3,2	-5,8	-7,6	-5,7			
IPI - Máquinas e equipamentos	INE	VH(v.c.s)	-4,6	-1,7	3,7	-1,0	-3,6	-4,5	-7,0	-2,0	-1,7	-4,5	0,1	-9,2		
IPI - Bens de Investimento	INE	VH(v.c.s)	-2,9	-2,1	-2,1	-3,2	-1,4	0,5	-10,1	6,8	-0,4	-0,8	4,6	-2,4		
Índice de Novas Encomendas (Investimento) M Nacional	INE	VH	0,6	-8,5	0,3	-8,5	-0,4	0,1	-0,2	4,1	-4,4	-3,6	-2,8	11,6		
Importações de Bens de Investimento	INE	VH	10,8	3,4	-1,8	2,3	0,5		-10,3	6,1	5,6	12,3	8,0			
Indicador de Confiança na Construção	INE	SRE-VE	-40,0	-41,7	-46,2	-46,0	-47,7	-47,7	-46,0	-48,5	-48,5	-47,5	-47,5	-48,0	-49,0	
Vendas de Cimento	BP	VH	-0,9	-5,5	-1,7	-0,2	-7,8	-8,9	-13,9	-0,1	-9,8	-6,2	-7,6	-12,8		
Venda de Viaturas Comerciais Ligeiras	ACAP	VH	-3,7	-9,9	8,6	-1,8	-11,8	-2,5	-9,7	-0,7	-22,3	-6,3	3,6	-3,3	6,3	
Venda de Viaturas Comerciais Pesadas	ACAP	VH	-7,3	10,4	-4,8	9,2	24,8	52,0	213,2	-52,4	-42,9	-14,1	-2,5	146,3	-44,7	

Figura 2.2 – Indicador de FBCF (INE)



Relativamente ao **Comércio Externo**, os dados mais recentes publicados pelo INE, apontam para um crescimento de 21,5% nas saídas de bens em Agosto. De acordo com esses dados, as importações de bens terão aumentado 9,2%, no mesmo período, devendo esse aumento reflectir a retoma do consumo privado.

Os dados preliminares divulgados pelo Banco de Portugal, no âmbito do SDDS e no Boletim Estatístico, apontam para um crescimento mais moderado das exportações em Setembro, fixando no conjunto do 3º trimestre um crescimento nominal marginalmente inferior ao verificado no 2º trimestre (*Quadro 2.6*). Em termos reais, e tendo em conta a evolução recente dos preços do petróleo, estes dados perspectivam uma aceleração das exportações de bens no 3º trimestre.

Quadro 2.6 – Balança de Bens e Serviços – taxas de variação homóloga

Variações Homólogas em %

	2005			2006			2006					
	II TR	III TR	IV TR	I TR	II TR	III TR*	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set*
BENS	12.8	8.8	3.9	5.7	-7.4	1.5	-4.1	-5.5	-12.6	5.7	-8.3	8.7
Crédito (Saídas)	0.7	5.0	3.9	11.0	11.5	11.8	-1.5	20.6	15.2	11.2	20.2	6.6
Débito (Entradas)	4.7	6.3	3.9	9.2	4.7	8.2	-2.5	10.9	5.5	9.6	7.7	7.3
SERVIÇOS	-22.6	8.2	19.5	26.1	40.5	31.4	60.7	33.5	33.1	25.3	26.7	44.4
Crédito	-5.0	5.0	6.5	19.2	18.7	15.8	19.3	21.3	15.6	20.9	16.5	9.8
Débito	6.0	2.5	1.6	17.4	8.6	2.8	4.1	14.8	7.1	17.2	7.1	-15.8
BENS E SERVIÇOS	28.7	9.3	0.5	2.5	-20.4	-20.8	-17.5	-17.1	-26.9	-13.9	-35.6	-11.2
Crédito	-0.9	5.0	4.6	13.0	13.4	13.1	3.9	20.8	15.3	14.2	18.6	7.5
Débito	4.9	5.7	3.5	10.4	5.3	7.4	-1.5	11.5	5.7	10.7	7.6	4.1

Fonte: GEE com base no Banco de Portugal, Boletim Estatístico

* - Os valores referentes a Setembro são cálculos do GEE, baseados em dados do SDDS e do Banco de Portugal. O numerador e denominador da t.v.h. provêm de fontes diferentes

O cenário de manutenção do crescimento apoiado nas exportações é corroborado pelos **indicadores avançados de procura externa** (*Quadro 2.7*), que continuam a evoluir favoravelmente. As Novas Encomendas Industriais provenientes do mercado externo registaram, em Julho e Agosto, acréscimos homólogos de 22,4% e 33,8%, mantendo e acentuando a boa dinâmica evidenciada no 2º trimestre (17,4%). O Volume de Negócios na Indústria, na componente mercado externo, manteve a trajectória ascendente verificada desde o início do ano, aumentando, em termos homólogos 16,1% no 3º trimestre, o que compara com 11,7%, em média, no 2º trimestre. Os indicadores qualitativos referentes à opinião dos empresários sobre a Procura Externa e à Carteira de Encomendas Externa estabilizaram no 3º trimestre.

Ministério da Economia e Inovação
Gabinete de Estratégia e Estudos

Quadro 2.7 – Indicadores Avançados de Procura Externa

Procura Externa	Fonte	Unidade	2005			2006			2006							
			II TR	III TR	IV TR	I TR	II TR	III TR	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	
Volume de Negócios na Indústria - Mercado Externo	INE	VH	2,9	3,8	3,7	9,0	11,7	16,1	-3,5	22,7	15,5	14,0	27,5	10,6		
Novas Encomendas à Indústria - Mercado Externo	INE	VH	-0,4	5,7	7,5	5,7	17,4		14,4	24,8	13,3	22,4	33,8			
Inquérito à Ind. Transformadora - Procura Externa	INE	SRE-VE	-28	-24	-17	-19	-14	-14	-18	-22	-2	-12	-14	-15	-13	
Carteira de Encomendas Externa	INE	SRE/M3M	-28,0	-24,3	-17,3	-19,3	-14,0	-13,7	-20,0	-20,7	-14,0	-12,0	-9,3	-13,7		
<i>Por memória:</i>																
Exportações	BP	VH (p.corr)	-0,9	5,0	4,6	13,0	13,4		3,9	20,8	15,3	14,2	18,6			
Bens	BP	VH (p.corr)	0,7	5,0	3,9	11,0	11,5		-1,5	20,6	15,2	11,2	20,2			
Serviços	BP	VH (p.corr)	-5,0	5,0	6,5	19,2	18,7		19,3	21,3	15,6	20,9	16,5			

O Banco de Portugal, no Boletim Económico de Outono, manteve a previsão anterior de crescimento do PIB para 2006 em 1,2%. O BP reviu em alta as suas estimativas para as exportações e em baixa as estimativas para o Investimento. Relativamente ao Consumo Público, a nova previsão aponta para uma disciplina superior à inicialmente esperada. Segundo o BP, o crescimento do PIB em 2006 será quase totalmente explicado pelo contributo da procura externa líquida.

No Quadro 2.8 apresenta-se um mapa com as previsões de crescimento para a Economia Portuguesa efectuada por várias instituições.

Quadro 2.8 - Previsões para a Economia Portuguesa

	2005					2006					2007			
	OCDE	CE	FMI	OE 2007	BP	OCDE	CE	FMI	OE 2007	BP	OCDE	CE	FMI	OE 2007
	Maio-06	Outono-06	Out-06	Out-06	Outono-06	Maio-06	Outono-06	Out-06	Out-06	Outono-06	Maio-06	Outono-06	Out-06	Out-06
Crescimento real em percentagem:														
PIB	0.3	0.4	0.4	0.4	0.4	0.7	1.2	1.2	1.4	1.2	1.5	1.5	1.5	1.8
-Consumo privado	2.0	2.0	2.0	2.0	1.7	1.2	1.1	1.3	1.0	1.1	1.9	1.3	1.3	1.3
-Consumo Público	1.7	1.8	-	1.8	1.9	0.2	0.0	-	-0.2	-0.2	-0.4	0.0	-	-1.3
-FBCF	-2.9	-3.0	-3.0	-2.9	-2.6	-0.7	-2.6	1.0	-2.6	-3.2	2.8	0.4	2.4	1.9
-Exportações Bens e Serviços ⁽¹⁾	0.9	0.9	1.0	0.9	1.0	4.0	7.9	4.0	8.6	9.0	5.6	5.4	4.9	7.2
-Importações Bens e serviços ⁽¹⁾	1.8	1.8	1.9	1.8	1.6	2.7	2.9	3.0	2.8	4.0	5.0	3.0	3.5	3.7
Em percentagem														
IHPC (t.v.) ⁽²⁾	2.1	2.1	2.1	2.3	2.1	2.7	2.9	2.6	2.5	3.0	2.1	2.2	2.2	2.1
Taxa de Desemprego (% da pop activa)	7.7	7.6	7.6	7.6	7.6	7.9	7.6	7.7	7.6	-	7.7	7.7	7.6	7.5
Balança Corrente (% PIB) ⁽³⁾	-9.3	-9.5	-9.3	-8.1	-8.1	-9.6	-9.0	-9.8	-8.8*	-7.6	-9.7	-8.7	-9.8	-8.4*

(1) no caso do FMI, Exportações e Importações de Bens

(2) No caso do OE - Índice de Preços no Consumidor (IPC)

(3) No caso do Banco de Portugal, Balança Corrente + Balança de Capital

Fontes: FMI, Staff Report 2006, Article IV Consultation, Outubro de 2006; OCDE, Economic Outlook n°79, Maio de 2006;

CE- Comissão Europeia, "Economic Forecasts" - Autumn 2006; BP- Boletim Económico, Verão de 2006;

OE - Proposta do Orçamento de Estado para 2007, Outubro de 2006

* Dado que o OE para 2007, não contém a Balança Corrente em % do PIB para 2006 e 2007, optou-se por manter os dados contidos no PEC-Plano de Estabilidade e Crescimento 2005-2009, Dezembro de 2005

3. Dinâmica Sectorial

As **contas nacionais** publicadas pelo INE relativas ao 2º trimestre de 2006 apontam para um crescimento homólogo do Valor Acrescentado Bruto (VAB) de 0,4% em volume (*Quadro 3.1*). O sector da Agricultura, Silvicultura e Pescas, manteve no 1º e 2º trimestre de 2006 a recuperação iniciada no final de 2005. O VAB do ramo da Indústria inverteu no 2º trimestre (-0,6%) a trajectória de recuperação que vinha evidenciando nos dois trimestres anteriores. A produção na Construção piorou significativamente (-8,0%). O ramo Comércio, Restaurantes e Hotéis, com 1,5%, inverteu a trajectória contínua de abrandamento, que se vinha verificando desde o 1º trimestre de 2005, se bem que sempre em terreno positivo. Também o sector dos Transportes e Comunicações manteve a trajectória de recuperação e apresentou uma evolução positiva (0,9%), o que já não sucedia desde o 1º trimestre de 2005. A produção do ramo Outros Serviços, cujo peso no VAB total é 32%, aumentou 0,5% em termos homólogos, um ligeiro abrandamento face ao valor do 1º trimestre (0,6%).

Quadro 3.1 - Evolução real do VAB por sectores, preços constantes, variação homóloga (%)

	peso, 2005 (%)	Anos				2004				2005				2006	
		2000	2002	2004	2005	Trim 1	Trim 2	Trim 3	Trim 4	Trim 1	Trim 2	Trim 3	Trim 4	Trim 1	Trim 2
Agricultura, Silvicultura, Pescas	3,3	-4,2	2,4	0,8	-7,9	1,3	2,5	1,3	-1,8	-7,1	-9,4	-9,1	-5,8	0,9	5,3
Indústria	16,7	2,1	-0,7	0,2	-1,6	1,7	1,6	-0,2	-2,2	-3,3	-1,9	-1,7	0,4	1,7	-0,6
Construção	6,0	6,3	-4,0	-1,3	-4,0	-3,5	-0,1	-0,2	-1,5	-2,7	-3,0	-6,3	-4,0	-2,4	-8,0
Electricidade, gás e água	2,8	9,5	0,3	5,5	2,1	6,8	6,1	5,0	4,2	2,8	2,5	1,7	1,5	4,0	1,4
Comércio, Restaurantes e Hotéis	17,0	4,4	-1,1	1,7	1,8	0,6	1,5	1,9	3,0	2,4	2,1	1,5	1,3	0,6	1,5
Transportes e Comunicações	7,4	9,7	2,8	4,7	-1,2	4,9	7,8	3,7	2,6	0,3	-1,6	-1,9	-1,5	-0,8	0,9
Actividades Financeiras e Imobiliárias	14,9	4,0	2,7	-0,4	0,8	-1,0	0,5	-0,4	-0,5	0,3	0,6	1,6	0,6	3,5	2,1
Outros Serviços	32,0	3,5	2,3	1,7	0,9	1,4	1,8	1,8	1,7	1,3	1,0	0,8	0,5	0,6	0,5
<i>Por memória:</i>															
Valor Acrescentado Bruto (const)		3,9	0,8	1,2	-0,1	1,0	1,9	1,2	0,7	0,0	-0,1	-0,4	0,0	1,0	0,4

Fonte: INE - Contas Nacionais Trimestrais (base 2000) - Setembro 2006

Relativamente ao **Emprego** (*Quadro 3.2*), em termos gerais, verificou-se uma evolução positiva no 2º trimestre, com este indicador a crescer 1% em termos homólogos, acima do crescimento registado no 1º trimestre (0,6%). Registaram-se evoluções positivas nos Transportes e Comunicações (10,5%), na Construção (0,8%, em abrandamento) e nos Outros Serviços (2,1%). Após trimestres sucessivos de declínio, o emprego recuperou nos sectores da Agricultura, Silvicultura e Pescas (1,7%), Indústria Transformadora (0,4%) e Actividades Financeiras e Imobiliárias (0,2%). O sector da Electricidade, Gás e Água, com -0,5% e o sector do Comércio, Restaurantes e Hotéis, com -1,9% apresentam evoluções de emprego negativas.

Quadro 3.2 – Evolução do emprego por sectores

Variação Homóloga - %

	peso, 2005 (%)	Anos				2004				2005				2006	
		2000	2002	2004	2005	Trim 1	Trim 2	Trim 3	Trim 4	Trim 1	Trim 2	Trim 3	Trim 4	Trim 1	Trim 2
Agricultura, Silvicultura, Pescas	11,8	2,2	-2,4	-3,7	-1,9	-3,5	-5,8	-4,0	-1,6	-2,6	-2,3	-1,0	-1,8	-1,0	1,7
Indústria Transformadora	18,9	-1,0	-4,0	-1,6	-3,4	-3,6	-2,4	-0,7	0,3	-0,8	-3,0	-4,0	-5,5	-1,1	0,4
Construção	10,8	10,5	6,8	-6,1	1,1	-6,2	-7,5	-4,7	-5,9	-3,1	-0,6	3,2	5,1	1,5	0,8
Electricidade, gás e água*	0,9	-2,1	5,6	-9,2	-4,1	-6,3	-11,4	-15,2	-3,9	-11,5	-4,0	1,7	-1,7	-4,2	-0,5
Comércio, Restaurantes e Hotéis	20,5	3,3	1,0	1,3	0,1	2,8	2,5	0,7	-0,8	-1,3	0,8	-0,4	1,5	-0,6	-1,9
Transportes e Comunicações	4,3	6,8	1,0	0,4	3,0	1,0	-1,7	2,5	-0,4	1,6	3,5	4,5	2,2	5,4	10,5
Actividades Financeiras e Imobiliárias	7,4	2,1	0,9	11,4	-2,6	19,2	16,0	6,9	4,8	-2,3	-0,7	-2,7	-4,6	-4,5	0,2
Outros Serviços	25,4	0,3	2,3	2,6	3,4	0,6	3,8	2,1	4,0	4,3	3,6	2,9	3,0	4,3	2,1
<i>Por memória:</i>															
Emprego - Total		2,3	0,5	0,1	0,0	0,0	0,1	-0,1	0,3	-0,3	0,1	0,1	0,0	0,6	1,0

Fonte: INE - Estatísticas do emprego - 2º trimestre 2006

*Inclui Indústria Extractiva

Ministério da Economia e Inovação
Gabinete de Estratégia e Estudos

Relativamente ao 3º trimestre, os **indicadores avançados** indiciam uma melhoria generalizada do clima de confiança, extensível a praticamente todos os sectores, com excepção da construção, acompanhado por um aumento efectivo de transacções, nomeadamente na Indústria, nos Serviços e no Comércio a Retalho.

No que respeita à **Indústria** (Quadro 3.3) os indicadores disponíveis apontam, em geral, para uma recuperação do sector. No 3º trimestre, a taxa de variação homóloga do Índice de Novas Encomendas foi superior (8,0%) à registada no 2º trimestre (5,9%). Continuam a verificar-se comportamentos assimétricos entre o mercado nacional, que regista uma evolução de 0,4%, e o mercado externo, com crescimentos significativos de 18,5% (compara com 17,4% no 2º trimestre).

Os indicadores de confiança da Comissão Europeia para a Indústria e os do INE para a Indústria Transformadora registaram desagravamentos do 2º trimestre para o 3º trimestre (de -10 para -7,3 e de -9,2 para -5,7, SRE, respectivamente).

O Índice de Produção Industrial manteve um crescimento positivo no 3º trimestre (2,5%), acima do valor verificado no 2º trimestre (2,1%). O Índice de Volume de Negócios na Indústria apresentou uma variação homóloga de 7,4% no 3º trimestre (5,8% no 2º trimestre), continuando a evidenciar um crescimento muito mais forte no Mercado Externo (16,1% no 3º trimestre e 11,7% no 2º trimestre), do que no Mercado Nacional (2,8% no 3º trimestre e 2,6% no 2º trimestre). O índice de emprego na Indústria manteve uma evolução negativa no 3º trimestre (-2,9%), mas em abrandamento face ao 2º trimestre (-3,5%).

Quadro 3.3 – Indicadores Sectoriais para a Indústria

Indicadores Trimestrais / Mensais	Fonte	Unidade	2005		2006			2006						
			Trim 3	Trim 4	Trim 1	Trim 2	Trim 3	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Índice de Produção Industrial - Total (cdu, vcs)	INE	VH	0.8	2.2	1.3	2.1	2.5	-2.5	7.1	1.8	1.6	4.4	1.6	
Índice Volume Negócios na Indústria	INE	VH	1.3	1.3	6.2	5.8	7.4	-2.5	14.7	5.2	7.9	11.8	3.8	
Mercado Nacional	INE	VH	0.0	0.1	4.6	2.6	2.8	-1.9	10.2	-0.4	4.4	4.5	0.0	
Mercado Externo	INE	VH	3.8	3.7	9.0	11.7	16.1	-3.5	22.7	15.5	14.0	27.5	10.6	
Índice de Novas Encomendas na Indústria	INE	VH	-2.1	6.2	1.5	5.9	8.0	2.4	15.1	0.6	10.3	8.6	5.7	
Mercado Nacional	INE	VH	-7.1	5.3	-1.5	-1.6	0.6	-5.9	9.0	-7.6	2.3	-6.5	4.2	
Mercado Externo	INE	VH	5.7	7.5	5.7	17.4	18.5	14.4	24.8	13.3	22.3	31.6	7.6	
Indicador de Confiança na Indústria (vcs)	Eurostat	SRE-VE	-12	-8	-9	-10	-7.3	-11	-9	-9	-6	-9	-7	-8
Índice de Emprego na Indústria	INE	VH	-4.6	-4.0	-3.8	-3.5	-2.9	-3.6	-3.4	-3.5	-3.0	-2.8	-3.0	
Índice de Produção Industrial - Indústria Transformadora (cdu, vcs)	INE	VH	-1.1	1.2	1.8	1.3	2.2	-5.4	6.6	2.9	1.2	3.5	1.9	
Índice Volume Negócios na Indústria Transformadora	INE	VH	1.2	1.1	6.1	5.5	7.3	-2.5	14.1	4.9	7.6	11.9	3.7	
Inquérito de Conjuntura à Indústria Transformadora														
Indicador de confiança na Indústria Transformadora	INE	SRE-VE	-11.2	-8.2	-9.6	-9.2	-5.7	-10.3	-8.7	-8.7	-5.3	-6.7	-5.0	-6.7
Carteira de Encomendas Global (tendência)	INE	SRE-VE	-8.0	-17.0	-16.0	-9.0	-6.0	:	:	:	:	:	:	:

O Índice de Produção Industrial para o sub-conjunto das Indústrias Transformadoras atingiu no 3º trimestre (2,2%) o crescimento mais elevado desde o 2º trimestre de 2001. Este comportamento positivo revela, no entanto, comportamentos diferenciados ao nível dos diferentes subsectores (Quadro 3.4).

Ministério da Economia e Inovação
Gabinete de Estratégia e Estudos

Quadro 3.4 – Índice de Produção Industrial por subsecções¹, variação homóloga

	peso	2003	2004	2005	2T05	3T05	4T05	1T06	2T06	3T06	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Índice de Produção Industrial (Total)	100.00	0.1	-2.7	0.3	-0.3	0.8	2.2	1.3	2.1	2.5	-2.5	7.1	1.8	1.6	4.4	1.6
C- Indústrias extractivas	1.86	-9.3	4.2	-2.3	-4.4	2.3	-4.2	-6.1	-5.7	-9.2	-15.0	-5.2	3.3	-12.2	-6.4	-9.1
CB- Indústrias extractivas, com excepção da extracção de produtos energéticos	1.86	-9.3	4.2	-2.3	-4.4	2.3	-4.2	-6.1	-5.7	-9.2	-15.0	-5.2	3.3	-12.2	-6.4	-9.1
D- Indústrias transformadoras	86.31	-0.4	-0.8	-1.6	-2.4	-1.1	1.2	1.8	1.3	2.2	-5.4	6.6	2.9	1.2	3.5	1.9
DA- Indústrias alimentares, das bebidas e do tabaco	10.94	-0.3	2.4	-0.4	-0.4	-0.7	1.8	0.7	0.5	-0.4	-5.6	9.1	-1.7	-4.4	0.2	3.1
DB- Indústria têxtil	12.41	-6.1	-7.4	-9.1	-9.8	-9.5	-9.0	-6.3	-3.0	-3.1	-11.7	2.3	0.8	-2.7	-3.7	-2.7
DC- Indústria do couro e dos produtos de couro	3.23	-12.8	-7.9	-10.2	-14.3	-7.1	-6.7	-6.9	-8.7	-6.2	-15.2	-5.0	-5.6	-2.5	-6.7	-9.4
DD- Indústrias da madeira e da cortiça e suas obras	3.55	2.4	-3.0	0.2	4.5	-2.3	5.1	8.1	-4.2	1.6	-8.0	5.1	-8.7	4.3	-1.5	2.1
DE- Fabricação de pasta, de papel e cartão e seus artigos; edição e impressão	9.07	8.7	1.5	0.9	1.3	-2.1	6.2	1.1	0.1	5.7	-7.4	3.3	4.9	8.5	8.5	0.4
DF- Fabricação de coque, produtos petrolíferos refinados e combustível nuclear	2.40	3.5	0.2	2.9	-12.0	0.7	-3.4	6.7	6.2	0.4	7.1	5.3	6.1	-3.3	0.3	4.3
DG- Fabricação de produtos químicos e de fibras sintéticas ou artificiais	4.69	4.1	-1.0	-0.7	-2.9	2.3	0.7	4.9	2.1	2.0	2.3	4.0	0.0	3.3	1.9	0.9
DH- Fabricação de artigos de borracha e de matérias plásticas	2.87	-0.3	2.9	11.0	11.5	16.2	13.5	7.1	1.2	-0.3	-0.4	4.5	-0.4	3.1	1.0	-4.8
DI- Fabricação de outros produtos minerais não metálicos	8.89	-6.2	0.6	-2.8	-2.5	-1.8	-3.4	2.3	-3.0	-3.5	-4.7	0.7	-5.0	-4.6	-1.8	-4.1
DJ- Indústrias metalúrgicas de base e de produtos metálicos	7.82	-1.3	1.0	-2.4	-5.5	-2.3	4.5	7.9	5.2	1.6	-2.5	11.6	6.3	2.7	1.6	0.4
DK- Fabricação de máquinas e equipamentos, n.e.	4.79	-4.7	-4.6	-2.3	-4.6	-1.7	3.7	-1.0	-3.6	-4.5	-7.0	-2.0	-1.7	-4.5	0.1	-9.2
DL- Fabricação de equipamento eléctrico e de óptica	6.49	11.1	3.1	7.2	3.3	13.6	17.2	12.1	22.6	20.8	7.2	23.1	35.4	15.8	19.5	26.1
DM- Fabricação de material de transporte	5.42	-6.6	-5.1	-6.2	-1.5	-5.0	-10.5	-6.8	0.8	6.5	-14.4	17.3	1.8	0.8	12.9	5.3
DN- Indústrias transformadoras, n.e.	3.75	0.2	0.5	-10.0	-5.1	-11.8	-10.8	-5.6	-11.8	-5.0	-16.7	-0.3	-17.1	-9.0	4.9	-10.7
E- Produção e distribuição de electricidade, gás e água	11.83	5.2	-16.2	15.9	18.8	16.1	11.1	-1.5	8.3	6.4	19.8	12.5	-6.0	5.9	11.7	1.4
EE- Produção e distribuição de electricidade, gás e água	11.83	5.2	-16.2	15.9	18.8	16.1	11.1	-1.5	8.3	6.4	19.8	12.5	-6.0	5.9	11.7	1.4

Fonte: INE

No sector da **Construção** (Quadro 3.5), em geral, os dados quantitativos do 3º trimestre não sinalizam alterações positivas. O Índice de Produção na Construção e Obras Públicas, que reflecte a variação média homóloga a 3 meses, deteriorou-se no 3º trimestre (-8,0%) face ao 2º trimestre (-7,6%). As vendas de cimento acentuaram no 3º trimestre (-8,9% VH) a evolução negativa verificada no 2º trimestre (-7,8%). O Licenciamento de Obras desceu, em termos homólogos, 9,4% no 3º trimestre (compara com a descida de 6,9% no 2º trimestre). Os indicadores de natureza qualitativa revelaram ligeira melhoria na apreciação da actividade no 3º trimestre, quer ao nível da construção de edifícios, quer ao nível de obras públicas (-25,3 no 3º trimestre e -32,0 no 2º trimestre). Ao nível da carteira de encomendas e da perspectiva de emprego para os próximos 3 meses, verificou-se uma estabilização.

Quadro 3.5 - Indicadores sectoriais para a Construção

Indicadores Trimestrais / Mensais	Fonte	Unidade	2005			2006			2006							
			Trim 3	Trim 4	Trim 1	Trim 2	Trim 3	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out		
Índice de produção na construção e obras públicas	INE	VH/VM3M	-3.2	-4.0	-3.6	-7.6	-8.0	-6.3	-6.3	-7.6	-6.5	-7.5	-8.0			
Vendas de cimento (1)	BP	VH	-5.5	-1.7	-0.2	-7.8	-8.9	-13.9	-0.1	-9.8	-6.2	-7.6	-12.8			
Licenciamento de obras	INE	VH	-7.3	-5.5	0.1	-6.9	-9.4	-22.7	3.4	-1.7	-6.5	-4.2	-16.5			
Índice de Novas Encomendas na Construção e Obras Públicas	INE	VH	13.3	-8.0	-2.3	-3.4										
Indicador de Confiança na Construção (vcs)	Eurostat	SRE-VE	-41.3	-36.0	-35.7	-39.3	-34.0	-42.0	-40.0	-36.0	-35.0	-34.0	-33.0	-41.0		
Inquérito Mensal de Conjuntura à Construção e Obras Públicas																
Indicador de confiança da Construção e Obras Públicas	INE	SRE-VE	-41.7	-48.2	-46.0	-47.7	-47.7	-46.0	-48.5	-48.5	-47.5	-47.5	-48.0	-49.0		
Carteira de Encomendas (Conjunto do sector)	INE	SRE-VE	-59.7	-62.3	-64.0	-65.7	-65.7	-63.0	-66.0	-68.0	-66.0	-65.0	-66.0	-66.0		
Perspectiva de Emprego - próximos 3 meses (Conjunto do sector)	INE	SRE-VE	-23.7	-30.0	-28.0	-29.7	-29.7	-29.0	-31.0	-29.0	-29.0	-30.0	-30.0	-32.0		
Apreciação da actividade nos últimos 3 meses (Conjunto do sector)	INE	SRE-VE	-22.3	-26.7	-33.0	-32.0	-25.3	-33.0	-32.0	-31.0	-24.0	-24.0	-28.0	-31.0		
Perspectiva de Preços - próximos 3 meses (Conjunto do sector)	INE	SRE-VE	-18.7	-20.7	-19.0	-20.3	-22.3	-20.0	-20.0	-21.0	-25.0	-21.0	-21.0	-24.0		
Índice de Emprego na Construção e Obras Públicas	INE	VH	-3.1	-3.6	-4.7	-6.1	-7.1	-5.3	-6.0	-7.1	-7.0	-7.4	-6.9			

(1) Vendas de cimento das empresas nacionais para o mercado interno excluindo importações de cimento.

Relativamente ao sector dos **Serviços**, os dados relativos ao 3º trimestre apontam para uma melhoria da actividade, através de um crescimento positivo do Volume de Negócios (foi negativo no 2º trimestre), suportado por expectativas de vendas mais favoráveis e por uma melhoria geral do ambiente económico, que se tem traduzido na elevação dos níveis de confiança do sector.

O Índice de Volume de Negócios nos Serviços (Quadro 3.6) apresentou no 3º trimestre uma variação homóloga positiva de 2,8%, claramente superior à evolução registada no 1º e 2º

¹ Corrigidos de dias úteis e sazonalidade.

trimestres (-0,8%). Ao longo do 3º trimestre, a expectativa de aumento de vendas tem sido positiva. O indicador qualitativo que revela a tendência do volume de vendas, corrigido de sazonalidade, apresentou um saldo ascendente, que culminou com o valor de 12,7 em Setembro. No conjunto do 3º trimestre, o saldo médio de 8,2, é bastante mais favorável do que o dos dois trimestres anteriores (2,7 no 2º trimestre e 5,0 no 1º trimestre).

Esta melhoria do ambiente económico reflectiu-se nos níveis de confiança, com os Indicadores de Confiança do Eurostat e do INE a apresentarem no 3º trimestre os mais elevados saldos desde o início do ano (3,7 e 4,4 SRE, respectivamente). O indicador referente à actividade das empresas nos últimos 3 meses entrou em terreno positivo no mês de Setembro (0,8), evidenciando a melhoria geral de clima no sector. O Índice de Emprego nos Serviços apresentou o valor mais elevado desde Julho de 2005, fixando a variação homóloga do 3º trimestre em -0,2% (compara favoravelmente com -0,5% no 2º trimestre).

No sector do Comércio (Quadro 3.6), é patente uma melhoria das perspectivas da actividade futura e da envolvente do clima de negócios, através do desagramento dos níveis de confiança, em particular no Comércio por Grosso, da melhoria do Volume de Negócios no Comércio a Retalho e das expectativas do Volume de Vendas e de encomendas a Fornecedores no Comércio por Grosso.

O indicador qualitativo referente ao Volume de Vendas no **Comércio** registou uma ligeira melhoria no 3º trimestre (-10,5, SRE) face ao valor registado no 2º trimestre (-10,9). O Indicador de Confiança registou um desagramento no 3º trimestre (-6,8) face aos dois últimos trimestres (-8,3 no 1º trimestre e -9,5 no 2º trimestre), sendo acompanhado pela melhoria das perspectivas da actividade futura, que atingiu um saldo de 3,2 no 3º trimestre (1,9 no 1º trimestre e 2,0 no 2º trimestre). No mês de Setembro, este indicador registou o saldo mais elevado dos últimos 6 meses (6,4).

No subsector **Comércio a Retalho**, o Índice Deflacionado do Volume de Negócios apresentou um crescimento homólogo positivo no 3º trimestre (2,8%), o que compara favoravelmente com a evolução registada no 1º e 2º trimestres (0,4% e -1,4%, respectivamente). Do 2º para o 3º trimestre, os indicadores de confiança do INE e do Eurostat revelaram comportamentos díspares. De assinalar, a boa evolução do índice de emprego no Comércio a Retalho, que registou uma evolução positiva entre o 1º (0,7%, VH) e o 2º trimestre (0,9%) e que mantém a evolução positiva no 3º trimestre (1,1%).

No subsector **Comércio por Grosso**, o indicador qualitativo relativo ao Volume de Vendas tem vindo a melhorar consistentemente desde o 1º trimestre do ano, atingindo no 3º trimestre um saldo de -6,6, o menos negativo desde o 2º trimestre de 2005. No mês de Setembro o indicador de confiança do comércio por grosso, que vinha registando saldos negativos desde Janeiro de 2003, entrou em terreno positivo (1,7, SRE e -0,7 no 3ºT). O mesmo aconteceu com o indicador relativo às Perspectivas de Encomendas Futuras a Fornecedores, que atingiu 0,0 no 3º trimestre.

Para Outubro, os dados já disponíveis, apontam para uma continuação da recuperação no sector dos Serviços e no Comércio.

Ministério da Economia e Inovação
Gabinete de Estratégia e Estudos

Quadro 3.6 – Indicadores Sectoriais para os Serviços e Comércio

Indicadores Trimestrais / Mensais	Fonte	Unidade	2005		2006			2006						
			Trim 3	Trim 4	Trm 1	Trm 2	Trm 3	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Índice de volume de negócios nos Serviços	INE	VH,M3M	-0.7	-0.8	-0.8	-0.8	2.8	-2.6	0.5	-0.8	2.5	1.2	2.8	
Volume de vendas - tendência actual (vcs)	INE	SRE-VE	2.4	8.4	5.0	2.7	8.2	0.0	-2.3	10.5	5.7	6.2	12.7	6.6
Indicador de confiança dos Serviços (vcs)	Eurostat	SRE-VE	-2.7	-0.7	-4.3	0.7	3.7	-4.0	0.0	6.0	4.0	0.0	7.0	6.0
Indicador de confiança dos Serviços (vcs)	INE	SRE-VE	-2.8	-0.4	-2.8	1.2	4.4	-3.5	-1.3	8.4	7.3	-1.4	7.1	7.6
Carteira de encomendas - últimos 3 meses (vcs)	INE	SRE-VE	-3.4	-1.2	-4.5	0.2	1.5	-4.9	-4.0	9.4	5.6	-6.3	5.3	-0.5
Actividade da empresa - últimos 3 meses (vcs)	INE	SRE-VE	-10.2	-9.6	-11.6	-6.0	-2.9	-10.3	-6.3	-1.4	-3.5	-5.9	0.8	-0.1
Perspectivas da procura-próximos 3 meses (vcs)	INE	SRE-VE	5.3	9.4	7.7	9.4	14.4	4.8	6.4	17.2	20.0	7.9	15.3	23.3
Índice de Emprego nos Serviços	INE	VH	-1.4	-1.1	-1.1	-0.5	-0.2	-0.9	-0.5	-0.2	-0.4	-0.6	0.2	
Volume de Vendas no Comércio (últimos 3 meses)	INE	SRE-VE	-12.2	-12.8	-14.7	-10.9	-10.5	-10.5	-19.7	-2.6	-10.6	-11.0	-9.8	-1.1
Indicador de confiança no Comércio	INE	VE/M3M	-13.2	-10.3	-8.3	-9.5	-6.8	-8.1	-10.2	-9.5	-9.7	-7.8	-6.8	-5.3
Indicador de confiança no Comércio	INE	SRE-VE	-13.2	-10.3	-8.3	-9.5	-6.8	-5.2	-12.5	-10.7	-5.8	-6.9	-7.8	-1.2
Perspectivas de actividade (próximos 3 meses)	INE	SRE-VE	-8.4	-2.0	1.9	2.0	3.2	5.8	-0.4	0.7	2.5	0.6	6.4	14.7
Nível de existências	INE	SRE-VE	5.9	5.4	7.1	8.6	5.0	4.7	9.7	11.4	5.0	5.5	4.5	3.5
Índice Volume Negócios no Comércio a Retalho (1)	INE	VH, M3M	0.2	0.8	0.4	-1.4	2.8	0.1	0.4	-1.4	0.4	0.3	2.8	
Volume de Vendas no Comércio a Retalho (2)	INE	SRE-VE	-12.0	-9.5	-15.5	-14.6	-15.3	-12.5	-26.1	-5.2	-18.2	-9.1	-18.5	-8.7
Indicador de confiança no Comércio a Retalho (vcs)	Eurostat	SRE-VE	-18.3	-16.0	-13.3	-14.7	-13.7	-11.0	-20.0	-13.0	-10.0	-12.0	-19.0	-11.0
Indicador de Confiança no Comércio a Retalho	INE	SRE-VE	-18.6	-14.8	-12.1	-14.2	-14.3	-7.1	-20.3	-15.2	-9.5	-13.9	-19.5	-9.1
Índice de Emprego no Comércio a Retalho	INE	VH	1.2	1.0	0.7	0.9	1.1	0.7	0.8	1.1	1.4	1.2	0.9	
Bens alimentares	INE	VH	2.5	2.4	1.9	1.9	1.8	1.8	2.1	1.9	1.5	1.7	2.3	
Bens não alimentares	INE	VH	0.4	0.1	0.0	0.2	0.7	0.1	0.0	0.6	1.3	0.8	0.0	
Volume de Vendas no Comércio por Grosso - últimos 3 meses	INE	SRE-VE	-12.3	-15.6	-14.1	-7.8	-6.6	-8.7	-14.3	-0.5	-4.3	-12.5	-2.9	4.8
Encomendas a fornecedores - próximos 3 meses	INE	SRE-VE	-17.0	-14.8	-12.5	-4.7	0.0	-6.9	-4.9	-2.2	-0.1	-2.8	2.9	1.4
Indicador de Confiança no Comércio por Grosso	INE	SRE-VE	-8.6	-6.5	-5.1	-5.5	-0.7	-3.6	-5.9	-7.1	-2.8	-1.2	1.7	5.2

(1) Valor deflacionado e corrigido de sazonalidade e dias úteis

(2) Valor corrigido de sazonalidade e dias úteis

Figura 3.1

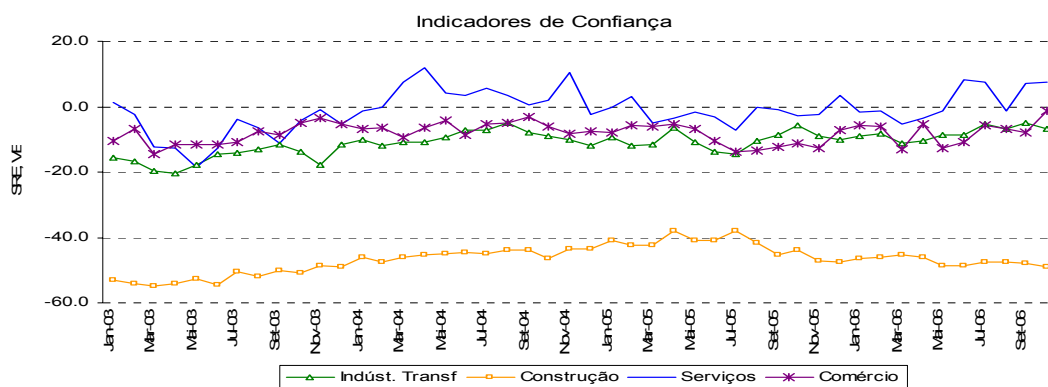
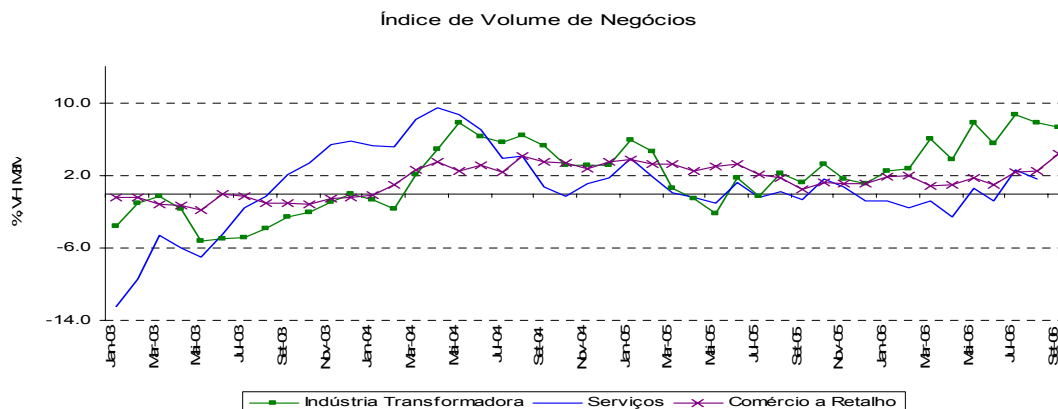


Figura 3.2



4. Competitividade: *Global Competitiveness Index (GCI) 2006*

Esta secção analisa a posição relativa de Portugal em termos do *Global Competitiveness Index (GCI) 2006* e do *Business Competitiveness Index (BCI) 2006*.

Considerando a posição de Portugal no ranking global do GCI 2006, os melhores desempenhos competitivos situam-se nas áreas Saúde e Ensino Básico, Infraestrutura, Instituições e Inovação e os piores no Ensino pós-básico e Formação, Readiness Tecnológica, Eficiência do Mercado, Sofisticação Empresarial e Macroeconomia. Em termos do BCI 2006, Portugal está melhor na Qualidade do ambiente empresarial nacional e pior nas Operações e estratégia empresariais.

O *Global Competitiveness Index (GCI) 2006*, recentemente divulgado pelo *World Economic Forum*, veio substituir o anterior índice sob a designação de *Growth Competitiveness Index*¹, cuja metodologia foi ajustada de modo a responder à crescente diversidade dos países cobertos pelo *Global Competitiveness Report*.

Este novo Índice é composto por um conjunto de factores críticos essenciais para impulsionar a produtividade e a competitividade das economias, agrupados em **três sub-índices** (Requisitos de Base, *Efficiency Enhancers* e Factores de Inovação), e subdivididos em **nove pilares**: Instituições, Infraestrutura, Macroeconomia, Saúde e ensino básico, Ensino pós-básico e formação, Eficiência do mercado, *Readiness* tecnológica, Sofisticação dos negócios e Inovação.

O relatório refere que a selecção destes pilares assim como os factores que os compõem são baseados nas mais recentes investigações teóricas e empíricas e que nenhum destes factores pode, por si só, assegurar melhores ou piores desempenhos competitivos.

Quadro 4.1

Estádios de desenvolvimento e pesos dos sub-índices do GCI

Estádio de desenvolvimento das economias	Peso dos sub-índices em cada estágio de desenvolvimento das economias			Patamares de rendimento no estabelecimento dos estádios de desenvolvimento - PIB per capita (US\$) -
	Requisitos de Base (Instituições, Infraestrutura, Macroeconomia e Saúde e ensino básico)	Efficiency Enhancers (Ensino pós-básico e formação, Eficiência do mercado e <i>Readiness</i> tecnológica)	Factores de Inovação (Sofisticação dos negócios e Inovação)	
Estádio 1: Factor-driven (maior ênfase nos Requisitos de Base)	50%	40%	10%	<2.000 Transição do estágio 1 para o 2 2.000 - 3.000
Estádio 2: Efficiency-driven (maior ênfase nos Efficiency Enhancers)	40%	50%	10%	3.000 - 9.000 Transição do estágio 2 para o 3 9.000 - 17.000
Estádio 3: Innovation-driven (ênfase crescente nos Factores de Inovação)	30%	40%	30%	>17.000

Fonte: World Economic Forum, Global Competitiveness Report 2006-2007

Para o cálculo do GCI, os países são agrupados em **três estádios de desenvolvimento** (medidos através do PIB *per capita* em US\$): 1º estágio - *factor-driven*, 2º estágio - *efficiency-driven*

¹ Por razões de continuidade histórica este índice continuará a ser apresentado em anexo ao *Global Competitiveness Report*.

e 3º estágio - *innovation-driven*². O Quadro 4.1 apresenta os pesos dos três sub-índices para cada um dos três estádios de desenvolvimento.

A informação de suporte utilizada na construção do GCI baseia-se em variáveis qualitativas “*Survey data*”³ e quantitativas “*hard data*” que variam entre 1 e 7.

O GCI 2006 cobre 125 economias. O Quadro 4.2 destaca um conjunto de 29 países, constituído pelas economias mais bem posicionadas no ranking e as da UE25 (Quadro 4.2). Em 2006, Portugal ocupava a 34ª posição no indicador agregado, à frente da Itália (42ª), da Grécia (47ª) e de sete países do alargamento.

Quadro 4.2
Rankings do GCI 2006 e das suas Componentes para 29 países

(nº de ordem em 125 países)

País	Estádio Desenv.	2006		Ranking GCI 2005	Sub-índices do GCI 2006		
		GCI	Ranking GCI		Requisitos de Base	Efficiency Enhancers	Factores de Inovação
Suíça	3	5.81	1	4	5	5	2
Finlândia	3	5.76	2	2	3	4	6
Suécia	3	5.74	3	7	7	2	5
Dinamarca	3	5.70	4	3	1	6	7
Singapura	3	5.63	5	5	2	3	15
EUA	3	5.61	6	1	27	1	4
Japão	3	5.60	7	10	19	16	1
Alemanha	3	5.58	8	6	9	17	3
Holanda	3	5.56	9	11	8	9	11
Reino Unido	3	5.54	10	9	14	7	10
Áustria	3	5.32	17	15	18	20	12
França	3	5.31	18	12	15	22	13
Bélgica	3	5.27	20	20	17	23	14
Irlanda	3	5.21	21	21	23	18	19
Luxemburgo	3	5.16	22	24	10	24	23
Estónia	2-3	5.12	25	26	30	19	32
Espanha	3	4.77	28	28	25	28	30
Rep. Checa	2-3	4.74	29	29	42	27	27
Eslovénia	3	4.64	33	30	36	30	34
Portugal	3	4.60	34	31	34	37	37
Letónia	2	4.57	36	39	41	36	58
Eslováquia	2	4.55	37	36	47	34	43
Malta	2-3	4.54	39	44	39	33	53
Lituânia	2	4.53	40	34	45	38	44
Hungria	2-3	4.52	41	35	52	32	39
Itália	3	4.46	42	38	48	40	31
Chipre	3	4.36	46	41	37	44	49
Grécia	3	4.33	47	47	40	47	45
Polónia	2	4.30	48	43	57	48	51

Fonte: World Economic Forum, Global Competitiveness Report 2006-2007

² Portugal integra este grupo de países.

³ Respostas ao *Executive Opinion Survey* do WEF.

O *top 10* das economias mais competitivas é liderado pela Suíça (que subiu três lugares entre 2005 e 2006), seguida pelos países nórdicos (Finlândia, Suécia e Dinamarca) e por Singapura, EUA e Japão. Deste *top* fazem parte seis países da UE25, os três já referidos e a Alemanha, a Holanda e o Reino Unido, que ocupam respectivamente a 8^a, a 9^a e a 10^a posições. Entre 2005 e 2006, no conjunto dos países da UE25, as subidas mais significativas são as de Malta (+ 5 posições), da Suécia (+ 4 posições) e da Letónia (+ 3 posições). Os países que mais posições desceram (- 6 posições) foram: França, Lituânia e Hungria. Com excepção de Malta, Letónia, Estónia e República Checa, os restantes seis países do alargamento perderam posições competitivas.

Em termos dos três sub-índices do GCI 2006, os primeiros lugares são ocupados pela Dinamarca nos “Requisitos de Base”, pelos EUA nos “*Efficiency Enhancers*” e pelo Japão nos “Factores de Inovação”.

Portugal, classificado como *Innovation-driven*, tem uma performance competitiva mais favorável nos “Requisitos de Base” (34^a posição) do que nos “*Efficiency Enhancers*” e nos “Factores de Inovação” (37^o lugar em ambos). Desagregando ao nível dos nove pilares, Portugal apresenta, em 2006, os seguintes comportamentos competitivos (*ver Quadro 4.3*):

- As melhores posições competitivas Saúde e Ensino Básico (16^a), Infraestrutura (26^a) e Instituições (28^a) localizam-se no sub-índice “**Requisitos de Base**” (34^a posição), assim como a pior, Macroeconomia (80^a). Na Saúde e Ensino Básico, Portugal está à frente de todos os países do alargamento e de países como a Irlanda, a Alemanha e os EUA. Como acontece com Portugal, é também no pilar Macroeconomia que os países da UE25 têm, na generalidade, os piores desempenhos, com a Finlândia a conseguir o melhor lugar (12^o) e a Grécia a registar o pior (102^o).
- No sub-índice “**Efficiency Enhancers**” (37^a posição) as três componentes estão em posições relativas de nível idêntico, com os pilares Ensino pós-básico e Formação e *Readiness* Tecnológica na 37^a posição e Eficiência do Mercado na 38^a. Contudo, face aos países da UE25, é no pilar Eficiência do Mercado que Portugal tem um comportamento comparativo mais favorável, ou seja, está à frente da Itália e da Grécia e de sete países do alargamento.
- Nos dois pilares remanescentes, os desempenhos de Portugal variam entre a 32^a posição (Inovação) e a 43^a (Sofisticação Empresarial), ambos constituintes do sub-índice “**Factores de Inovação**” (37^a posição). Em termos de Inovação, Portugal está em melhor posição do que a Espanha, a Itália, a Grécia e sete países do alargamento.

Como complemento do *Global Competitiveness Index*, o *World Economic Forum* divulga também o **Business Competitiveness Index (BCI)⁴ 2006**, que se centra em factores considerados essenciais para a competitividade a nível microeconómico e é composto por **dois sub-índices**: Qualidade do ambiente empresarial nacional e Operações e estratégia empresariais (*ver Quadro 4.4*).

⁴ Os autores estimam que o BCI explica mais do que 80% da variação do PIB *per capita* no conjunto de países cobertos, confirmando a importância crítica dos factores microeconómicos para a prosperidade das nações.

Ministério da Economia e da Inovação
Gabinete de Estratégia e Estudos

Quadro 4.3

Rankings dos três sub-índices do GCI 2006 e dos respectivos pilares para um conjunto de 29 países

(nº de ordem em 125 países)

País	Requisitos de Base	Pilares				País	Efficiency Enhancers	Pilares			País	Factores de Inovação	Pilares	
		Insti-tuições	Infra-estrutura	Macro-economia	Saúde e Ensino Básico			Ensino pós Básico e Formação	Eficiência do Mercado	Readiness Tecnológica			Sofisticação Empresarial	Inovação
Dinamarca	1	2	5	14	4	EUA	1	5	2	8	Japão	1	2	1
Singapura	2	4	6	8	20	Suécia	2	3	19	1	Suíça	2	3	3
Finlândia	3	1	10	12	7	Singapura	3	10	4	2	Alemanha	3	1	5
Suíça	5	5	2	18	29	Finlândia	4	1	17	12	EUA	4	8	2
Suécia	7	12	9	15	9	Suíça	5	6	5	5	Suécia	5	5	6
Holanda	8	9	8	22	13	Dinamarca	6	2	6	10	Finlândia	6	11	4
Alemanha	9	7	1	63	71	Reino Unido	7	11	3	6	Dinamarca	7	9	10
Luxemburgo	10	14	15	19	46	Holanda	9	8	12	11	Reino Unido	10	6	12
Reino Unido	14	15	14	48	14	Japão	16	15	10	19	Holanda	11	7	11
França	15	24	4	56	12	Alemanha	17	18	20	20	Áustria	12	4	17
Bélgica	17	26	11	44	15	Irlanda	18	16	13	24	França	13	10	14
Áustria	18	13	17	36	49	Estónia	19	23	25	16	Bélgica	14	12	16
Japão	19	22	7	91	1	Áustria	20	19	26	21	Singapura	15	23	9
Irlanda	23	17	31	20	24	França	22	12	28	25	Irlanda	19	16	20
Espanha	25	39	22	24	5	Bélgica	23	4	32	27	Luxemburgo	23	21	23
EUA	27	27	12	69	40	Luxemburgo	24	45	18	9	Rep. Checa	27	29	28
Estónia	30	30	30	16	43	Rep. Checa	27	27	41	26	Espanha	30	27	35
Portugal	34	28	26	80	16	Espanha	28	31	36	33	Itália	31	24	43
Eslovénia	36	43	32	29	19	Eslovénia	30	26	63	29	Estónia	32	35	30
Chipre	37	35	34	72	22	Hungria	32	30	37	36	Eslovénia	34	36	34
Malta	39	31	37	76	32	Malta	33	47	46	22	Portugal	37	43	32
Grécia	40	41	29	102	11	Eslováquia	34	38	34	30	Hungria	39	49	31
Letónia	41	50	39	34	79	Letónia	36	28	40	43	Eslováquia	43	45	42
Rep. Checa	42	60	33	42	58	Portugal	37	37	38	37	Lituânia	44	41	50
Lituânia	45	59	44	41	70	Lituânia	38	29	45	42	Grécia	45	46	47
Eslováquia	47	53	47	68	74	Itália	40	35	78	32	Chipre	49	50	55
Itália	48	71	50	84	8	Chipre	44	41	55	38	Polónia	51	63	44
Hungria	52	46	48	98	66	Grécia	47	34	62	50	Malta	53	51	62
Polónia	57	73	57	70	26	Polónia	48	33	64	51	Letónia	58	54	66

Fonte: World Economic Forum, Global Competitiveness Report 2006-2007

Quadro 4.4
Rankings BCI 2006 e Sub-índices

(nº de ordem em 121 países)

País	BCI	Sub-índices	
		Qualidade do ambiente empresarial nacional	Operações e estratégia empresariais
EUA	1	1	1
Alemanha	2	2	2
Finlândia	3	3	8
Suíça	4	4	4
Dinamarca	5	6	6
Holanda	6	5	7
Suécia	7	8	3
Reino Unido	8	7	9
Japão	9	9	5
Singapura	11	11	21
Áustria	12	14	10
França	16	18	11
Bélgica	17	17	13
Irlanda	22	23	17
Estónia	24	24	35
Portugal	28	26	40
Espanha	30	31	31
Rep. Checa	32	32	28
Eslovénia	36	36	34
Itália	38	42	32
Hungria	39	35	43
Eslováquia	40	39	45
Malta	41	40	63
Lituânia	43	45	37
Chipre	45	43	67
Letónia	47	48	47
Grécia	49	47	53
Polónia	53	53	49

Fonte: World Economic Forum, Global Competitiveness Report 2006-2007

Nota: Não inclui o Luxemburgo

Os EUA e a Alemanha lideram quer no BCI 2006 quer nos dois sub-índices. Portugal está classificado na 28ª posição do ranking do índice global, à frente da Espanha, Itália, Grécia e dos países do alargamento, com excepção da Estónia. Em termos de sub-índices, Portugal está melhor na Qualidade do ambiente empresarial nacional (26ª posição) e pior nas Operações e estratégia empresariais (40ª posição).

5. Agenda

5.1. Iniciativas

Iniciativa	Sumário
Presidência da UE	<p>Na sequência do Conselho de Ministros informal de 7 de Outubro de 2006, foram anunciadas as áreas que Portugal entende deverem focar as intervenções do Trio de Presidências da União Europeia (Alemanha, Portugal e Eslovénia):</p> <p>1) O futuro político da UE com os desafios do alargamento; 2) Reforço das competências da economia europeia através do desenvolvimento da Estratégia de Lisboa; 3) Aprofundamento das políticas comuns em matéria de liberdades, segurança, justiça e imigração; 4) Reforço da capacidade para responder aos desafios externos.</p>
PRACE	<p>O Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado (PRACE) deu mais um passo no sentido da sua concretização com a publicação das leis orgânicas dos Ministérios.</p> <p>Estes diplomas estabelecem as orientações relativas à reorganização dos serviços dos Ministérios visando a modernização administrativa e a melhoria da qualidade e eficiência dos serviços públicos.</p>
SIMPLEX 2006	<p>O Programa SIMPLEX fez o balanço do 2º trimestre (Julho a Setembro) concluindo que 84,9% das medidas programadas para este período, foram concluídas e 84% de um total de 131 medidas a concretizar desde o início do Programa até Setembro estão já executadas.</p> <p>Destacam-se, no âmbito do MEI, as medidas:</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Simplificação dos procedimentos de consulta no licenciamento industrial;▪ Isenção da obrigatoriedade de inscrição, na Administração Pública, dos técnicos responsáveis por instalações eléctricas de serviço particular;▪ Simplificação, no âmbito do projecto "Marca na Hora", dos processos e registo de títulos de propriedade sobre firmas e marcas.
Financiamento de PME FINCRESCE	<p>No quadro do Programa para a Inovação Financeira no Mercado das PME (INOFIN), o IAPMEI lançou no final de Outubro um novo instrumento FINCRESCE – Consolidar Lideranças, com o objectivo de proporcionar melhores condições de financiamento das empresas que assumem estratégias de crescimento e de reforço da sua competitividade.</p> <p>No princípio do presente ano, e também no âmbito de intervenção do INOFIN, foi lançado o programa FINICIA que visa, através do estabelecimento de parcerias público-privadas, o alargamento da base de acesso a capital e ao crédito a empresas de pequena dimensão e em fase inicial do ciclo de vida.</p> <p>Agora, o FINCRESCE vem complementar o FINICIA dirigindo-se ao segmento de PME que se encontrem num estágio de desenvolvimento estável e que apresentem boas performances e perfis de risco, e é, também, operacionalizado com base em parcerias público-privadas</p>

Ministério da Economia e da Inovação
Gabinete de Estratégia e Estudos

Iniciativa	Sumário
Investimento Privado em I&D	<p>O Governo português e a Universidade de Carnegie Mellon (CMU) selaram uma parceria na área das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) envolvendo empresas de base tecnológica que assumiram o compromisso de aumentar os seus investimentos em I&D.</p> <p>O Grupo Portugal Telecom assume a coordenação dos parceiros empresariais que decidiram envolver-se no Programa CMU-Portugal, no âmbito do instituto internacional «<i>Information and Communication Technologies Institute</i>», agora criado em resultado da colaboração entre Portugal e a CMU.</p> <p>PT, Novabase, Siemens e 15 pequenas e médias empresas de base tecnológica na área das TIC comprometem-se a aumentar a despesa interna em I&D e o emprego científico, a saber:</p> <ul style="list-style-type: none">▪ A PT comprometeu-se a co-financiar o programa e a disponibilizar recursos humanos e materiais para o envolvimento activo no desenvolvimento de projectos de I&D para que as suas despesas intramuros em I&D sejam duplicadas até ao final de 2009, devendo essa despesa atingir 1,5% do total da facturação até 2011.▪ A Novabase, afilia-se ao novo Instituto, co-financiando o programa, e assumindo reforçar as suas despesas intramuros em I&D, devendo essa despesa também atingir 1,5% do total a facturação até 2009.▪ A Siemens Networks Portugal assume o compromisso das suas despesas intramuros em I&D passarem a representar anualmente pelo menos 5% do valor total da facturação; O número de doutorados contratados pela Siemens Networks Portugal deve atingir os 10 novos contratos de doutores até ao final de 2009, assim como 25 novos contratos de especialistas nos próximos 5 anos.▪ As pequenas e médias empresas de base tecnológica, afiliadas a este Programa, assumem que o número de doutorados atinja 5% dos seus quadros de pessoal ou garantem que, pelo menos, 1 novo contrato de doutor até ao final de 2009; Estas empresas assumem ainda que as suas despesas intramuros em I&D sejam duplicadas até ao final de 2009, ou atinjam pelo menos 5% do total da facturação.

5.2. Selecção de medidas legislativas

Assunto Diploma	Sumário
<i>SIME - Sistema de Incentivos à Modernização Administrativa - PRIME</i> Portaria n.º 1111-A/2006 - I Série n.º 200, de 17/10 (Suplemento)	Altera o Regulamento de Execução do SIME - Sistema de Incentivos à Modernização Administrativa, aprovado pela Portaria n.º 130-A/2006, de 14 de Fevereiro, no sentido de alargar o seu âmbito de aplicação.
<i>Rendas - Rectificação do Coeficiente de Actualização</i> Rectificação n.º 1579/2006 da Presidência do Conselho de Ministros - II Série - Parte C n.º 204, de 23/10	Rectifica o Aviso n.º 9635/2006, de 7 de Setembro, relativo ao coeficiente de actualização das rendas. Assim, determina que o coeficiente de actualização dos diversos tipos de arrendamento para vigorar em 2007 é de 1,031.
<i>Reforma da Administração Pública</i> Decreto-Lei n.º 200/2006 - I Série n.º 206, de 25/10	Estabelece o regime geral de extinção, fusão e reestruturação de serviços públicos. Estabelece também um regime geral para o processo de racionalização de efectivos para as situações em que, não se justificando proceder a extinção, fusão ou reestruturação de serviços, se reconhece que os recursos humanos que lhes estão afectos são desajustados face às suas necessidades permanentes ou à prossecução dos seus objectivos. O presente diploma delimita os conceitos de extinção, fusão, reestruturação e de racionalização de efectivos e define, para cada um destes processos, um

Ministério da Economia e da Inovação
Gabinete de Estratégia e Estudos

Assunto Diploma	Sumário
	conjunto de regras sobre os objectivos, prazos, responsabilidades, mobilidade de pessoal e reafecção de outros recursos. Prevê-se ainda que aos funcionários dos serviços que sejam objecto de extinção, fusão e reestruturação ou de racionalização de efectivos, sejam aplicáveis instrumentos de mobilidade, geral e especial, previstos em legislação própria.
<i>Acordo Portugal – Tunísia</i> Aviso n.º 706/2006 - I Série n.º 207, de 26/10	Torna públicas terem sido cumpridas as formalidades constitucionais internas de aprovação do Acordo entre Portugal e a Tunísia sobre Promoção e Protecção Recíprocas de Investimentos, assinado em Tunes em 28 de Fevereiro de 2002.
<i>Ambiente - Listagem de Legislação</i> Despacho n.º 21 856/2006 dos Ministérios do Ambiente, da Agricultura e do Trabalho - II Série - Parte C n.º 208, de 27/10	Publica uma listagem dos diplomas que consagram as regras técnicas de ambiente (incluindo água, ar, resíduos, ruído, avaliação de impacte ambiental, prevenção e controlo integrados da poluição e prevenção de acidentes graves) e de segurança, higiene e saúde no trabalho.
<i>Lei Orgânica do Governo</i> Decreto-Lei n.º 201/2006 - I Série n.º 208, de 27/10	Aprova, no âmbito do Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado (PRACE), diversas alterações à Lei Orgânica do XVII Governo Constitucional, a qual é objecto de republicação.
<i>Lei Orgânica da Presidência do Conselho de Ministros</i> Decreto-Lei n.º 202/2006 - I Série n.º 208, de 27/10	Aprova, no âmbito do PRACE, a nova Lei Orgânica da Presidência do Conselho de Ministros.
<i>Recomendações ao Investimento</i> Regulamento da CMVM n.º 6/2006 do Ministério das Finanças - II Série - Parte C n.º 208, de 27/10	Determina que analistas independentes, instituições de crédito e outras entidades cuja actividade principal consista na elaboração ou difusão de recomendações de investimento se identifiquem perante a Comissão de Mercado de Valores Mobiliários, no sentido de implementar as regras estabelecidas pelo Decreto-Lei n.º 52/2006, de 15 de Março, relativo ao abuso de informação privilegiada e à manipulação de mercado e ao prospecto a publicar em caso de oferta pública de valores mobiliários ou da sua admissão à negociação.
<i>Privatização da PORTUCEL</i> Resolução do Conselho de Ministros n.º 142/2006 - I Série n.º 209, de 30/10	Determina uma série de condições complementares da 3.ª fase do processo de privatização da PORTUCEL - Empresa Produtora de Pasta e Papel, S. A. As condições agora fixadas abordam nomeadamente: o modo de determinação do preço unitário de venda; o intervalo de preços para as acções a alienar na Oferta Pública de Venda (entre 2,00 e 2,20 euros); os critérios de rateio e o limite máximo de aquisição por cada investidor.
<i>Instalação de Empreendimentos Turísticos</i> Decreto-Lei n.º 217/2006 - I Série n.º 210, de 31/10	Procede à terceira alteração ao Decreto-Lei n.º 167/97, de 4 de Julho, que aprova o regime jurídico da instalação e funcionamento dos empreendimentos turísticos. Com esta alteração pretende-se agilizar o processo de licenciamento dos empreendimentos turísticos. Neste sentido, passa-se a prever a possibilidade de a vistoria ser requerida ainda antes de o empreendimento estar em condições de ser aberto ao público e permite-se, em certas circunstâncias, tal abertura independentemente de vistoria e da emissão do alvará de licença ou autorização de utilização turística. Assim, nos casos em que os prazos previstos para a realização da vistoria ou para a emissão do alvará de licença ou autorização de utilização turística não são cumpridos pelas entidades competentes, passa a admitir-se a possibilidade de abertura ao público mediante a responsabilização do promotor, do director técnico da obra e do autor do projecto de segurança contra incêndios de que a edificação respeita o projecto aprovado, bem como as normas legais e regulamentares aplicáveis. As câmaras municipais passam a ser obrigadas a comunicarem à Direcção-Geral do Turismo (DGT) a emissão de alvarás de licença ou de autorização de utilização turística. As entidades exploradoras de um empreendimento turístico que abram ao público também estão obrigadas a comunicar à Câmara Municipal competente e à DGT tal abertura, remetendo a esta última entidade o título que a legitima.

5.3. Em agenda

Evento	Local	Data prevista
Conselho ECOFIN	Bruxelas	7 de Novembro de 2006
Conselho ECOFIN	Bruxelas	21 de Novembro de 2006
TIC 2006: Estratégias de Liderança (evento consagrado às tecnologias da sociedade de informação)	Helsínquia	21 a 23 de Novembro de 2006
Seminário sobre a Responsabilidade Social as Empresas	Bruxelas	22 a 23 de Novembro de 2006
Conselho Transportes, Comunicações e Energia	Bruxelas	23 de Novembro de 2006
Conselho ECOFIN	Bruxelas	28 de Novembro de 2006